

**A BENEMERÊNCIA PRIVADA NO ESTADO DE S. PAULO,  
VISTA ATRAVÉS DE DOIS TESTAMENTOS**

*José Fernando Cedeño de Barros \**

**Resumo:** *Através de dois testamentos, um estudo sobre a benemerência privada no Estado de São Paulo.*

**Abstract:** *Through two testaments, a study on private benevolence in the State of São Paulo.*

**I – INTRODUÇÃO**

Trazemos a lume, especialmente para a REVISTA DA ASBRAP, dois documentos interessantes<sup>1</sup>, a saber: (i) o testamento de D. Sinhá Junqueira<sup>2</sup> e (ii) o testamento de D. Mathilde Melchert da Fonseca Macedo Soares<sup>3</sup>, dois expoentes da alta sociedade paulistana dos anos 40-60.

Através do estudo dos testamentos referidos, podemos verificar: (i) que a benemerência no Brasil, particularmente no Estado de S. Paulo, era realizada, primordialmente, pela iniciativa privada e não pelo Governo, embora pudesse contar com a colaboração deste na condição de fiscal das intenções do filantropo e de seus executores testamentários; (ii) as condições de fortuna do testador e

---

\* Sócio efetivo do Instituto Genealógico Brasileiro, Mestre em Direito Processual Civil e Doutorando em Direito Internacional pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), antigo responsável (chefe interino) pela sessão de arquivo da 2ª Vara da Família e das Sucessões da Comarca da Capital do Estado de S. Paulo.

<sup>1</sup> Reproduzidos na íntegra, no Apêndice deste artigo.

<sup>2</sup> Publicado por Frederico de Barros Brotero, in Memórias e Tradições da Família Junqueira, 1ª ed., S. Paulo, 1957, Gráfica Canton Ltda., ps. 783-790.

<sup>3</sup> Inédito.

suas relações familiares, sociais e principais ocupações; (iii) os problemas sociais que afligiam uma determinada sociedade e região.

Até bem recentemente, os doutos em Administração Pública, não cogitavam da benemerência, ou seja, o auxílio às pessoas desfavorecidas, no que tange ao fornecimento de dinheiro, roupa, tratamento médico, educação etc, ser suportada pelos órgãos públicos.

Destarte, o Professor Anhaia Mello<sup>4</sup>, da Escola Politécnica de S. Paulo, em monografia intitulada Problemas de Urbanismo, desvendou os rumos que vemos palmilhar sobre tão relevante assunto.

Traçando um esquema em que faz ressaltar a posição ocupada pelos serviços ditos de utilidade pública na vasta atividade econômica da sociedade moderna, dividia as funções econômicas e privadas.

*“As primeiras se bipartem em públicas, propriamente ditas, e são aquelas que o governo monopoliza e não cede a ninguém, realizando os serviços públicos ou de Estado e são mantidas por impostos e taxas especiais; e quase públicas, ou de utilidade pública, e são aquelas que o governo exerce ou delega, mediante condições e podem ser de propriedade pública ou privada. Ambas essas espécies estão sujeitas a um grau decrescente de utilidade pública.*

*“As funções privadas são aquelas que não são essenciais à vida da coletividade. São do âmbito da iniciativa particular. Isso não significa, porém, que o governo não possa entrar em competição a seu respeito.*

*“Salienta, ainda, que não há uma demarcação precisa entre essas funções. De permeio existe uma zona crepuscular, em que oscila de acordo com as circunstâncias de momento, o valor de uma utilidade, de particular a pública e de pública a particular”.*

E conclui:

*“No serviço de utilidade pública há “um conceito fixo com um conteúdo variável”.*

Na época em que os testamentos que vamos analisar foram preparados, o transporte ocupava lugar privilegiado dentre as atividades governamentais, pois era considerado como verdadeira função pública, sem dúvida em razão das imensas dificuldades que nosso território implicava para o seu desbravamento, o que até hoje sucede, em determinadas regiões.

E a caridade pública? Esta, ao revés, recai, cada vez mais, sobre os órgãos governamentais, como faz prova a própria Constituição Federal em vigor<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Citado por José Alves Palma, in Na Democracia Social, Revista dos Tribunais, S. Paulo, 1979, ps. 45-49.

A análise dos documentos que trazemos à colação, nesta perspectiva, que podem ser considerados históricos pelo seu conteúdo, idade e contexto, permite a reconstrução das formas de ação e de representação vivenciadas no passado, servindo, mais, para compreendermos melhor o presente.

Raul do Valle Breves<sup>6</sup> deixa um importante testemunho desta atividade:

*“Da vida das fazendas, apenas nos ficaram os traços característicos de uma raça caldeada entre o nomadismo aventureiro das bandeiras e a estabilidade patriarcal dos senhores de engenho. Desses característicos, Monteiro Baena deu-nos uma enumeração generalizada. O mesmo gosto pelo sofá, pela cadeira de balanço, pela boa cozinha, pela mulher, pelo cavalo, pelo jogo.*

*“No desenvolvimento desses característicos rolaram os anos. De que foi sua influência social pouco nos fala a tradição.*

*“Mas no estudo dos costumes e fatos de uma época não se pode prescindir do elemento humano. O conhecimento do homem que tudo sonha e realiza, é de necessidade imperiosa e primeira”.*

Nas palavras de Maria Aparecida Junqueira da Veiga Gaeta<sup>7</sup>:

*“Preocupada com a questão das classes no processo histórico, a historiografia contemporânea vem privilegiando as estruturas econômicas e sociais de tal forma que o indivíduo, o sujeito histórico, quase que desapareceu do cenário de estudos, perdendo-se com isso muito da ação individual, dentro das historicidades. Nesse espaço é que tentamos o resgate biográfico de personagens que estiveram presentes no processo de consolidação regional paulista”<sup>8</sup>*

Por tudo isso, julgamos oportuna a redação do presente artigo, como uma contribuição para a história e a genealogia do Estado de S. Paulo.

Vamos iniciar nosso trabalho, após esta breve introdução, pela biografia de D. SINHÁ JUNQUEIRA.

---

<sup>5</sup> Cf. arts. 183 a 230 da Constituição Federal da República Federativa do Brasil, em vigor.

<sup>6</sup> Cf. Prefácio à obra Eboço Genealógico, de Olympio Meirelles dos Santos, Revista dos Tribunais, S. Paulo, 1937, p. 13.

<sup>7</sup> Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista-UNESP e Doutora em História pela Universidade de S. Paulo-USP, Professora nos cursos de Pós-Graduação e Graduação da Universidade Estadual Paulista-UNESP, campus de Franca (SP).

<sup>8</sup> Cf. A Flor do Café e o Caldo da Cana – Os caminhos de Sinhá e Quito Junqueira, Fundação Sinhá Junqueira, Uberaba (MG), 1997, p. 6.

## PRIMEIRA PARTE

### II – QUEM ERA D. SINHÁ JUNQUEIRA?

D. Theolina Zemilla de Andrade<sup>9</sup>, era natural da Cidade de Franca<sup>10</sup>, Província de S. Paulo, onde nasceu em 24 de fevereiro de 1875, filha do Tenente Coronel Martiniano Francisco da Costa e de Maria Rita da Costa; neta paterna do Capitão Francisco Antonio da Costa e de Maria Zimilla de Andrade<sup>11</sup>, quarta filha do Capitão Mor Francisco Antonio Diniz Junqueira, 1.º Vereador de Franca, e de sua primeira esposa, Mariana Constança de Andrade<sup>12</sup>; neta materna de José Bernardes da Costa Junqueira<sup>13</sup> e de Inácia Constança de Andrade, irmã de Maria Zimilla.

José Bernardes da Costa Junqueira era filho de Ana Cândida Junqueira, filha do Patriarca da Família Junqueira no Sul do Brasil, João Francisco Junqueira, e de Helena Maria do Espírito Santo, descendente das célebres “Três Ilhôas”<sup>14</sup>.

Ana Cândida, que também se assinava Ana Francisca do Vale, nasceu a 14 de maio e foi batizada na Capela da Fazenda Favacho no dia 29 de maio de 1768 (Livro 3, fls. 10 da Matriz de Bapendi)<sup>15</sup>. Casou-se aos 10 de agosto de 1789 com Joaquim Bernardes da Costa, filho de Henrique da Costa e de Geno-

<sup>9</sup> É o nome constante em sua certidão de casamento. Depois do casamento passou a adotar o nome de Theolina Junqueira ou Sinhá Junqueira.

<sup>10</sup> Distrito criado em 1804, teve instalada sua freguesia e iniciada a construção da primeira igreja em 1805, recebendo o título de Vila Franca do Imperador em 1824, sendo instalada a Câmara Municipal no mesmo ano; criada a Comarca de Franca pela Lei Provincial n. 7, em 14 de março de 1839, finalmente, foi elevada, no dia 24 de abril de 1856, à categoria de cidade. Cf. Waldir de Sousa Paludeto, Pinceladas da História de Franca, edição da Câmara Municipal de Franca, s.d., c. 1987.

<sup>11</sup> Referida por Frederico de Barros Brotero como Maria Zenaide Diniz Junqueira, ob. cit., p. 335.

<sup>12</sup> Cf. Cid Guimarães, in Ribeiro do Valle, REVISTA DA ASBRAP n. 4, p. 152, item 3-7.

<sup>13</sup> Foi o requerente da Sesmaria do Barreiro, núcleo da futura estação termal de Poços de Caldas, que vendeu mais tarde ao irmão, Major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira.

<sup>14</sup> Cf. José Guimarães, As Três Ilhôas, 1990, volume 1, 1 tomo, volume 2, 2 tomos.

<sup>15</sup> *Apud* Frederico de Barros Brotero, ob. cit., p. 519.

veva Maria de Jesus, de Campanha. Seu inventário foi feito em Aiuruóca, no 2º Ofício da Comarca de Aiuruóca, em 1816.<sup>16</sup>

O pai de D. Sinhá, como era familiarmente chamada, Tenente-Coronel Martiniano Francisco da Costa, foi o responsável pela introdução do chamado boi franqueiro ou boi Junqueira, na região de Franca, político esclarecido e patriarca de numerosa e importante família, dentre cujos membros, além da própria Sinhá, destacam-se o Dr. Altino Arantes, que ocupou os cargos, sucessivamente, de Vereador, Deputado e, por último, de Presidente do Estado de S. Paulo, o dramaturgo Jorge Andrade, autor da peça e do enredo novelístico *Os Ossos do Barão*, do Desembargador Joaquim Mamede da Silva, cuja atuação marcou época no Tribunal de Justiça de S. Paulo, entre outros.

Casou-se D. Sinhá em 1891, em Franca, com seu primo-irmão, como era de usança entre os Junqueiras, Francisco Maximiano Diniz Junqueira, sendo Juiz de Paz o Tenente Antonio da Costa Valle. Testemunhas: João EufRASINO de Andrade (Dondico), Martimiano Francisco de Andrade, João Alexandre Dias e Antonio Pereira Machado.

O Coronel Quito, como era conhecido, era filho do Tenente-Coronel Francisco Maximiano Diniz Junqueira e de Mariana Constança de Andrade Junqueira; neto paterno de Luiz Antonio de Souza Diniz e de Ana Claudina Diniz Junqueira (irmã do Capitão Mor Francisco Antonio Diniz Junqueira); neto materno do Capitão Francisco Antonio da Costa e de Maria Zimilla de Andrade, já referidos.

O Coronel Quito Junqueira, nasceu no distrito de Ribeirão Preto, na Fazenda Olhos d'Água. Foi batizado na Igreja de S. Simão Apóstolo, no dia 22 de setembro de 1867, com cinco meses de idade, sendo seus padrinhos José Oscar Andrade da Cunha e Manoella Oscarina Andrade da Cunha<sup>17</sup>.

Ficou órfão muito cedo e teve como tutor seu tio paterno, o Comendador Luiz Herculano Diniz Junqueira, importante político e fazendeiro na região, deixando larga geração, da qual destacamos PAULO DUARTE, escritor, professor de antropologia da USP, editor da Revista *Anhembi*, membro do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo e assessor do Prefeito Fábio Prado, de S. Paulo.

Quito Junqueira recebeu importante herança, tanto do lado materno, quanto do paterno, compreendendo extensas propriedades agrícolas: as Fazendas da Serra, do Baixadão e do Resfriado, que constituíram o núcleo inicial de uma grande fortuna.

---

<sup>16</sup> Brotero, cit., p. 519.

<sup>17</sup> Cf. Maria Aparecida Junqueira da Veiga Gaeta, ob. cit., p. 34.

Ao invés de somente plantar café, o Coronel Quito destacou-se por seu empenho na pecuária e no plantio da cana de açúcar, antecipando-se, de muito, aos atuais grandes usineiros e criadores da região. Consta, também, que exercia a usura<sup>18</sup>. Encontrava-se, pois, em excelente situação quando ocorreu o terrível craque de 1930, que levou inúmeros cafeicultores à completa ruína.

Para dar uma idéia do que é a organização, basta dizer que, em 1915, as Usinas já possuíam cem operários especializados, figurando em todos os anuários estatísticos do Estado.

Na atualidade, continua pujante a indústria açucareira fundada pelo casal Quito-D. Sinhá.<sup>19</sup> Em 1982, a *Gazeta Mercantil*,<sup>20</sup> de S. Paulo, noticiava, após oferecer os dados estatísticos da produção açucareira da Usina Junqueira, acerca do padrão de vida de seus funcionários:

*“Das 1267 pessoas que moravam nas dependências da usina em 1981, apenas 67 não eram alfabetizadas. E 62 apresentavam nível universitário. Dos 248 empregados residentes na usina, 154 possuíam automóveis e 203 tinham*

---

<sup>18</sup> *“Entretanto, as receitas de Francisco Maximiano Junqueira não vinham apenas de suas fazendas (...),mas também de recursos resultantes de empréstimos a juros à outros fazendeiros. Estas transações financeiras sob hipoteca eram perfeitamente legais e morais, numa época em que as casas bancárias eram quase inexistentes nas cidades do interior (...) Durante toda a vida empresarial do Cel. Quito, encontramos escrituras de empréstimos sob hipoteca. Na grande maioria figurava como credor”, in Maria Aparecida Junqueira da Veiga Gaeta, ob. cit., ps. 35-36.*

<sup>19</sup> Resumo safra 97/98 – Usina Junqueira\*  
Dias de safra (037) - Data 29/05/97  
Cana moída (tonelada) 11.051,29  
Aprovação para moagem (%) 82,33  
Produção de açúcar (sacos) 4.080  
Produção anidro (litros) 457.000  
Produção hidratado (litros) 241.000  
Produção total álcool (litros) 698.000  
Rendimento Instituto Açúcar e Álcool (kg/ton) 118,54  
Eficiência IAA/PC (%) 86,35  
Rendimento álcool hidratado (litro/tonelada) 87,21  
Rendimento álcool [anidro] (litro/tonelada) 83,71  
Rendimento álcool 100% (litro/tonelada) 83,36  
\*Dados gentilmente fornecidos ao autor pela Dra. Maria Fernanda Junqueira da Veiga Serra.

<sup>20</sup> Cf. edição de Quinta-feira, 13 de maio de 1982, sessão Agroindústria, por Waldo Nogueira, de Igarapava (SP).

*bicicletas. Do total de 581 empregados permanentes, 320 tinham automóveis e 388 bicicletas”.*

Como o casal não tivesse filhos, como sublinha a própria D. Sinhá Junqueira em seu testamento, decidiram voltar sua atenção e carinho para as crianças desvalidas:

“*De nosso feliz consórcio não nasceram filhos e não possuindo ascendentes vivos posso dispor livremente de todos os meus bens, para depois de minha morte, como ora o faço, e pela maneira seguinte (...)”.*

Preocupava-se, bem por isso, D. Sinhá, com a maternidade desvalida e com a falta de instrução das crianças, cuidando destas questões em seu testamento, como oportunamente veremos.

Consta que era pessoa seca, de pouca conversa, na intimidade com os parentes.

Mantendo, embora, palacetes muito bem mobiliados em Ribeirão Preto e em S. Paulo, levava vida simples e reservada, permanecendo a maior parte do tempo na Fazenda S. Geraldo, sede das Usinas Junqueiras, na cidade de Igarapava (SP), em casa sólida e bem construída, porém desataviada de qualquer luxo ou ostentação. Gostava muito de pescar, conforme se vê pela fotografia que apresentamos em apêndice.

Segundo Maria Carmen Cedeño de Lima<sup>21</sup>, que conheceu D. Sinhá pessoalmente, hospedando-se na Fazenda S. Geraldo, na qualidade de neta de sua prima-irmã, Maria Ozilla de Andrade, D. Sinhá não conseguia dormir com a luz apagada e jamais permanecia em seu quarto, para dormir, sozinha. Tinha sono leve e era bastante sistemática. Por outro lado, ainda segundo o depoimento de Maria Carmen C. de Lima, era muito dedicada aos seus numerosos empregados, tendo beneficiado a diversos deles em seu testamento, revelando uma faceta bem característica dos grandes fazendeiros da região da Alta Mojiana e Sul de Minas Gerais, que era a familiaridade com os criados, diferentemente do que ocorria na Capital de S. Paulo e na Corte.

D. Sinhá Junqueira faleceu em Ribeirão Preto, aos 80 anos de idade, em novembro de 1954, tendo sido precedida pelo marido, que faleceu a 19 de novembro de 1938, aos 71 anos, *vítima de uma bronco-pneumonia e hipertrofia do coração*<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Depoimento ao Autor, Ribeirão Preto, 1997.

<sup>22</sup> Cf. 1º Cartório de Registro Civil de Ribeirão Preto – Livro de óbitos 74c fls. 165v, n. 1035 *apud* Maria Aparecida Junqueira da Veiga Gaeta, ob. cit., ps. 65-66.

Maria Aparecida Junqueira da Veiga Gaeta traz à colação em sua obra sobre o casal ora referido, as homenagens prestadas por diversos jornais de S. Paulo ao Coronel Quito.

Destacamos alguns:

*“O funeral do Cel. Francisco Maximiano Junqueira foi um dos mais concorridos que aqui já houve; milhares de pessoas acompanharam o féretro, recebendo manifestações de pesar de todo o país e até do estrangeiro (Paris e Buenos Aires). Homenagens que faz júis por ter sido grande propulsor de nosso progresso e pela sua vida laboriosa e digna. A despedida de S. Paulo ao Cel. Quito foi uma demonstração eloquente de que o povo admira e respeita todos os que vivem e crescem pelos seus esforços, pelo seu labor e valor. Homem que viveu pelo trabalho honesto e fecundo”<sup>23</sup>.*

O jornal *Correio Paulistano* descreve o Coronel Quito:

*“Espírito empreendedor e incansável, era agricultor e industrial de grande visão. Seu féretro, realizado no Domingo às 9 horas da manhã, foi acompanhado por representantes de todas as classes”<sup>24</sup>.*

A *Folha da Manhã* [atualmente *Folha de S. Paulo*], fez o seguinte destaque:

*“Faleceu, depois de prolongados padecimentos o conhecido cidadão e maior produtor de açúcar da América do Sul, o Cel. Francisco Maximiano Junqueira. Dedicou toda a sua existência aos trabalhos da lavoura. Às margens do Rio Grande, em União, estabeleceu a maior usina da América do Sul”<sup>25</sup>.*

## II. AS HOMENAGENS PRESTADAS À D. SINHÁ JUNQUEIRA

Ainda em vida, foi D. Sinhá condecorada pelo Presidente da República, Marechal Eurico Gaspar Dutra, com a medalha do “Mérito Nacional”. Recebeu, mais, o título de cidadã ribeirãopretana e teve uma via pública e uma escola pública batizadas com o seu nome.

Importa salientar, pelos depoimentos prestados<sup>26</sup> e análise da própria imprensa da época, que D. Sinhá muito pouco se importava com os galardões,

<sup>23</sup> Cf. *A Cidade*, de Ribeirão Preto, 22.11.38, 1ª página, *apud* Maria Aparecida Junqueira da Veiga Gaeta, ob. cit., p. 65.

<sup>24</sup> *Correio Paulistano*, S. Paulo, 22.11.38, p. 6 *apud* Junqueira da Veiga Gaeta, ob. cit., p. 65.

<sup>25</sup> *Folha da Manhã*, S. Paulo, 22.11.38, p. 7 *apud* Junqueira da Veiga Gaeta, ob. cit., p. 65.

<sup>26</sup> Entrevistas com Maria Carmen Cedeño de Lima, Izaura e Othilia Villela Conrado, primas de D. Sinhá Junqueira.

era todo espontâneo o reconhecimento da população e das autoridades pelos inúmeros atos de benemerência que praticou em vida e que teve sua concretização no tempo assegurados por seu testamento.

O jornalista Assis Chateaubriand registrou na primeira página de *O Diário de São Paulo*:

*“Toda a vida de D. Sinhá Junqueira foi marcada por atos de inspiração cristã. Com a morte de D. Sinhá, perde o Brasil uma das mais expressivas figuras femininas de sua história (...)”*<sup>27</sup>.

A respeito de D. Sinhá, assim se manifestou o Dr. Altino Arantes, em Ribeirão Preto, a 21 de janeiro de 1951, quando o povo daquela cidade prestou-lhe homenagem, por ocasião do recebimento da veneration do Mérito Nacional:

*“Se desse trabalho aturado por longos anos resultaram vantagens para os municípios de Ribeirão Preto e de Barretos, e, por via de consequência, para a grandeza agrícola do Estado; quis a Providência que dele viessem a sobrar os haveres que constituíram a primeira base da fortuna do casal e que, mais tarde, lhe facultaram a aquisição da fazenda S. Geraldo, a instalação e o desenvolvimento da Usina Junqueira que é, sem favor, um dos legítimos padrões da riqueza industrial de São Paulo.*

*“O animador, o fator máximo desses empreendimentos foi (seria injusto esquecê-lo) o Cel. Quito Junqueira, cuja visão e cujo tino administrativo, vencendo dificuldades de toda ordem lograram conduzir a termo feliz a arrojada iniciativa”*<sup>28</sup>.

Depois de sua morte, as Usinas Junqueira foram incorporadas à Fundação D. Sinhá Junqueira, que leva um pouco de conforto e assistência aos necessitados, além de promover pesquisas científicas, oferecer bolsas de estudo e proteger os empregados da própria Fundação, a infância desvalida, através do Educandário Quito Junqueira, em Ribeirão Preto, a maternidade (Maternidade Sinhá Junqueira) e a cultura (Biblioteca Altino Arantes).

### III – O TESTAMENTO DE D. SINHÁ JUNQUEIRA

O testamento, cerrado, foi registrado sob o n. 1404, em 8 de novembro de 1947, em S. Paulo, no 11º Tabelionato da Capital do Estado de S. Paulo, tendo sido ditado em sua residência da Rua Frei Caneca, n. 1246, na presença do Dr. Otavio Uchoa da Veiga, titular do tabelionato mencionado. O instrumento de

---

<sup>27</sup> *O Diário de São Paulo*, 27.11.54, p. 1, *apud* Junqueira da Veiga Gaeta, ob. cit., p. 73.

<sup>28</sup> Confira, na íntegra, o belo discurso do Dr. Altino Arantes no Apêndice III deste artigo.

aprovação, a remessa e a certidão do Testamento foram realizados pelo Serventuário Vitalício do Oitavo Ofício de Família e das Sucessões da Comarca da Capital, Francisco de Paula Betim, estando atualmente arquivado traslado autêntico na sede da Usina Junqueira, em Igarapava (SP).

A testadora, após contemplar alguns parentes e empregados, deixa legados para algumas instituições de caridade, que indicam os problemas enfrentados pelas populações da região da Alta Mojiana (atual Nordeste Paulista) e da Capital:

- 1 – Asilo da Divina Providência, Asilo dos Cegos Padre Chico – Capital de S. Paulo
- 2 – Asilo da Velhice Desamparada de Franca
- 3 – Albergue Noturno de Ribeirão Preto
- 4 – Asilo Padre Euclides de Ribeirão Preto [existe até hoje]
- 5 – Asilo Anália Franco de Ribeirão Preto [para moças]
- 6 – Conferência de S. Vicente de Paula de Ribeirão Preto
- 7 – Instituto de Assistência e Proteção à Infância de Ribeirão Preto
- 8 – Santas Casas de Misericórdia de Colina, Igarapava e Franca
- 9 – Demais casas de caridade de Ribeirão Preto, tendo em vista a necessidade de cada uma delas, a juízo do testador
- 10 – Patrimônio e Abrigo Dona Ambrosina de Matos, em S. João Nepomuceno, Estado de Minas Gerais
- 11 – Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto – legado exclusivamente para o tratamento de indigentes
- 12 – Asilo Padre Bento, para tratamento de leprosos
- 13 – Associação Santa Teresinha, de Carapicuíba
- 14 – Abrigo de Tuberculosos Pobres da Sociedade de Assistência Social e Combate à Tuberculose de S. José dos Campos
- 15 – Hospital S. Vicente de Paula, de Campos do Jordão, para crianças tuberculosas
- 16 – Caixa dos doentes do Hospital de Tuberculosos de Sapecado (Espírito Santo do Rio do Peixe) – *para a ultimação do cinema, ou, no caso de estar já concluído, para qualquer obra, à escolha dos enfermos e que melhore as condições deste.*
- 17 – Para cada uma das caixas dos doentes internados nos Hospitais de Cocais, Santo Ângelo, Pirapitingüi e Aimorés (de leprosos)
- 18 – Sanatorinho de Tuberculosos de Campos do Jordão
- 19 – “Pão dos Pobres” da Igreja de Santo Antonio, em Ribeirão Preto [existente até hoje]

Dona Sinhá, passa, então, aos projetos que mais lhe tocam de perto:

#### 20 – MATERNIDADE SINHÁ JUNQUEIRA

*“É meu desejo realizar, ainda em vida, a criação e instalação de uma fundação, denominada de “Maternidade Sinhá Junqueira”, destinada ao amparo médico-social da maternidade e da infância, com sede em Ribeirão Preto, onde deverá ser construído o prédio próprio, para isso, no terreno de minha propriedade, situado na mesma cidade, à Rua Bernardino de Campos, esquina da Rua Sete de Setembro e que adquiri por escritura pública de 29 de novembro de 1944. Se, por qualquer circunstância, independente de minha vontade, não tiver eu criado esta fundação, declaro que pelo presente testamento e na melhor forma de direito, fica criada e instituída uma fundação denominada “Maternidade Sinhá Junqueira”, destinada a instalar e manter em Ribeirão Preto uma maternidade destinada a prestar serviços à parturiente pobre e à infância desvalida (...) Assim, lego à referida fundação “Maternidade Sinhá Junqueira” além do terreno já referido, e seja qual for a dotação que em vida eu lhe venha a fazer, lego ainda a importância de vinte milhões de cruzeiros (CR\$ 20.000.000,00), sendo dez milhões (CR\$ 10.000.000,00) para a construção e instalação da mesma Maternidade, e ficando fazendo parte de seu patrimônio inalienável; e o restante dez milhões de cruzeiros (CR\$ 10.000.000,00) aplicados em títulos da Dívida Pública, da União ou do Estado, ou em ações ou debêntures de grandes companhias de alto conceito econômico, sujeitos à cláusula de inalienabilidade, para que os seus frutos e rendimentos possam ser aplicados na manutenção da mesma maternidade. Na constituição dessa fundação devem ser aproveitados, na parte que lhe for aplicável, os preceitos e recomendações que faço em relação à fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira”.*

#### 21 – EDUCANDÁRIO CORONEL QUITO

*“Deixo a importância de dez milhões de cruzeiros (CR\$ 10.000.000,00) para constituir fundo inalienável da fundação “Educandário Coronel Quito” com sede em Ribeirão Preto, sendo que os frutos e rendimentos desse fundo inalienável e patrimonial se destinarão a melhorar e ampliar a obra de assistência a menores que a mesma fundação vem realizando”*

#### 22 – BIBLIOTECA PÚBLICA [posteriormente denominada “Altino Arantes”]

*“Deixo a importância de seis milhões de cruzeiros para o fim especial de ser fundada e instalada, na cidade de Ribeirão Preto, uma biblioteca pública, a qual será instalada no prédio da rua Duque de Caxias n, 88 (oitenta e oito) [trata-se de um lindo palacete, no estilo dos anos 30-40, até hoje existente e bem conservado] em Ribeirão Preto, sendo que tanto a doação de seis milhões de*

*cruzeiros como o legado do referido prédio ficam feitos a uma fundação, de fundo cultural e instrutivo, que ora declaro fundada e instituída, e encarrego ao Dr. Altino Arantes, e na sua falta ao Dr. Paulo Francisco de Andrade Arantes, de praticar todos os atos necessários para a constituição da pessoa jurídica da biblioteca e da aquisição de livros e outros objetos necessários para a efetivação da medida”*

### 23 – FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL SINHÁ JUNQUEIRA

Finalmente, D. Sinhá deixa todo o restante de sua fortuna para a Fundação Sinhá Junqueira:

*“Instituo minha única e universal herdeira de todos os demais bens, direitos, títulos e ações sem exceção alguma, a Fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira que crio e instituo neste testamento. A referida Fundação, com sede na cidade de São Paulo, terá por fim e objetivo: a) amparar e educar a infância abandonada e desvalida; b) amparo à parturiente e à mãe pobre; c) amparo aos tuberculosos pobres; d) amparo à velhice desamparada, morféuticos pobres e à pobreza principalmente de Ribeirão Preto, Franca, Igarapava e Colina; e) amparo aos empregados e operários das Usinas Junqueira e seus filhos. Para a realização dos objetivos mencionados nas letras “d” e “e” a minha universal herdeira destinará um fundo de três milhões de cruzeiros em títulos da Dívida Pública da União ou do Estado de São Paulo, ou imóveis, a critério do Conselho Administrativo da Fundação.*

É interessante observar que o testamento indica os principais problemas que assolam, como ocorre até hoje, infelizmente, a região de Ribeirão Preto e Franca:

- 1 – Infância desvalida
- 2 – Tuberculose e lepra [ainda não erradicados da região]
- 3 – Maternidade desamparada
- 4 – Falta de acesso aos meios de cultura [livros, cinema, matrículas e mensalidades escolares], para os pobres
- 5 – Procurar fazer com que os operários empregados tenham vida digna e condições de oferecer uma vida melhor aos seus filhos e netos.

Em seguida, como boa discípula do marido, grande financista, D. Sinhá Junqueira prevê a melhor maneira de prover dos recursos necessários as suas fundações benemerentes, aconselhando:

*“Para realizar os recursos necessários ao cumprimento dos legados inclusive os da Maternidade Sinhá Junqueira, Educandário Coronel Quito e Biblioteca Pública de Ribeirão Preto, poderá o meu testamenteiro vender as propriedades agrícolas da herança, mas as Usinas Junqueira e as fazendas anexas só em último caso serão vendidas com obrigação para o comprador de manter o*

*nome “Usina Junqueira”. O saldo será sempre administrado pela Fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira, pesando porém sobre esse saldo, também aplicado em títulos da Dívida ou de companhias de alta reputação, as cláusulas de inalienabilidade e impenhorabilidade”*

D. Sinhá era, também, previdente com relação ao futuro, fazendo menção, sempre, à aplicação das receitas em títulos da dívida pública [na época, muito valiosos, e hoje, bastante desacreditados] **ou** à hipótese de aplicação dos fundos em instituições de alta reputação.

Finalmente, estipulou o Conselho Administrativo, composto de sete membros vitalícios que escolherão entre si um presidente, um secretário e um tesoureiro, nomeando os membros componentes desse Conselho<sup>29</sup> e prevendo: *“Se as pessoas por mim aqui nomeadas para constituírem o primeiro Conselho, nenhum deles aceitar a incumbência ao meu testamenteiro incumbirá a nomeação do primeiro Conselho, do qual ele poderá fazer parte; mas, havendo um só dos designados por mim que aceite o encargo, a esse incumbirá convidar os seus companheiros. O primeiro Conselho Administrativo da Fundação será comprometido pelo Juiz da execução do testamento, ouvido o Ministério Público. No caso de morte ou renúncia de todos os Conselheiros, incumbe ao titular efetivo do Juízo da Primeira Vara de Famílias e das Sucessões da Comarca desta Capital, juntamente com o titular da Curadoria de Resíduos, intervir desde logo para restabelecer a normalidade da Fundação, nomeando então dentre os moradores da cidade, ouvido o Ministério Público, pessoa de absoluta confiança e idoneidade, a qual dará compromisso e o nomeado escolherá os seis companheiros restantes, com aprovação da mesma autoridade judiciária, para integrar o Conselho que, desta forma, readquirirá a sua inteira autonomia”*.

Vejam, a testadora determina que, na hipótese de morte ou renúncia de todos os conselheiros por ela originalmente nomeados, a fiscalização para a escolha de novos ficaria sob a responsabilidade dos Poderes Públicos, Judiciário e Ministério Público, readquirindo, todavia, sua inteira autonomia após a formalidade de averiguação da idoneidade de cada um deles, garantindo, assim, a característica de instituição privada.

---

<sup>29</sup> Indicou em seu testamento: Dr. Paulo Francisco de Andrade Arantes, Dr. Valdemar Barnsley Pessoa, Dr. Tomás Lessa, Dr. Altino Arantes, Bráulio de Andrade Junqueira, Antonio Carlos Pompêo de Camargo e Dr. Joaquim Aurélio Cardoso Filho.

Hoje, o Conselho Administrativo da Fundação Sinhá Junqueira está assim constituído: Paulo Francisco Villela de Andrade, João Paulo Musa Pessoa, Bernardo Luís Rodrigues de Andrade, Maria Helena Junqueira da Veiga Serra, Paulo Sebastião Gomes Cardozo, Luiz Carlos Gomes de Soutello, Francisco Roberto de Rezende Junqueira e Maria Luiza Scarano Arantes Rocco.

É interessante, ainda, observar o cunho aristocrático impresso ao Conselho por sua fundadora: os cargos são vitalícios e, determina, D. Sinhá: “*Enquanto, porém, houver um Conselheiro no exercício do cargo, a este incumbirá a escolha dos seis companheiros restantes. O Conselho Administrativo da Fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira será completamente autônomo nas suas deliberações e na administração da fundação e de seu patrimônio*”.

A nota final da boa empresária é dada por D. Sinhá, quando finaliza seu testamento, antevendo a solução para os inevitáveis problemas fiscais inerentes às sucessões:

*“As instituições de caráter filantrópico, que são aquinhoadas com legado ou herança, deverão elas próprias pleitear dos poderes públicos a isenção de quaisquer impostos que porventura recaiam sobre o seu respectivo legado ou herança. Os impostos que porventura sejam devidos por pessoas físicas legatárias deverão ser pagos pela minha herança, de modo que os beneficiários recebam os seus legados livres de impostos”.*

D. Sinhá Junqueira chegou a instituir, oficialmente, a Fundação Sinhá Junqueira antes de sua morte.

De fato, em 15 de julho de 1950, assinou a escritura de doação dos lucros totais das Usinas Junqueira para a obra destinada às instituições de caridade e às de ensino e amparo da infância pobre. Na ocasião, ficou estipulado que, em sua vida, seria a única diretora da Fundação, tendo para auxiliá-la um Conselho Consultivo, formado das seguintes pessoas: D. Manel da Silveira D’Elboux, Arcebispo de Ribeirão Preto; Dr. José Maria Whitaker; Assis Chateaubriand; Embaixador José Carlos de Macedo Soares; Antonio Junqueira da Veiga e Manuel Carlos Gomes de Soutelo. Foi criado, igualmente, um Conselho Deliberativo, constituído por Altino Arantes, que a sucederia vitaliciamente no cargo de presidente; Bráulio de Andrade Junqueira, Valdemar B. Pessoa, Joaquim Cardoso Filho, Francisco de Andrade Junqueira, Paulo Francisco de Andrade Arantes, Antonio Pompêo de Camargo e Tomás Lessa.<sup>30</sup>

## **SEGUNDA PARTE**

### **I – QUEM ERA D. MATHILDE MELCHERT DA FONSECA DE MACEDO SOARES?**

Nasceu D. Mathilde Melchert da Fonseca em S. Paulo, no dia 1<sup>o</sup> de agosto de 1893, filha do Dr. José Manoel da Fonseca Júnior e de D. Escolástica

---

<sup>30</sup> Cf. Jornal de Igarapava, edição de Domingo, 13-8-1950, 1<sup>a</sup> página.

de Aguiar Melchert, filha de Adolfo Júlio de Aguiar Melchert e de Escolástica Joaquina de Campos, abastados proprietários rurais, ligados às mais antigas estirpes paulistas.<sup>31</sup>

Com efeito, descendia em linha reta de Isabel do Prado, natural de S. Vicente, casada com Pascoal Leite Furtado, natural da Ilha dos Açores, vindo para S. Vicente em 1599, em companhia de D. Francisco de Souza, ela filha de João do Prado, natural da Praça de Olivença da Província de Alentejo de Portugal, de nobreza aí muito conhecida, que veio nos princípios da povoação de S. Vicente, com muitos outros nobres povoadores na companhia de Martim Afonso de Souza, pelo ano de 1531.<sup>32</sup>

D. Mathilde foi sobrinha de Jesuíno Fonseca Leite, verdadeiro creso paulista, um dos grandes benfeitores da Santa Casa de Misericórdia de S. Paulo, em cujo pátio interno se encontra artística herma erigida em sua homenagem. Consta, também, que exercia, juntamente com as funções de cafeicultor e comissário de café, a atividade de usurário.

Filha única, herdou imensa fortuna de seus pais. Para dar uma idéia da grandeza dos bens, principalmente consistentes em terras e ações, o atual Bairro de Vila Mathilde pertencia à D. Escolástica de Aguiar Melchert, assim como uma imensidão de terras no Estado do Paraná, que, em 1930 sequer estavam desbravadas, sendo indicadas pelos cartógrafos, nos mapas da região e do Brasil, simplesmente como “terras de Dona Escolástica”.

Possuia, ainda, na condição de esposa do último Presidente da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, muitas ações, ao portador e nominativas. No que toca às ações, o Governo do Estado de S. Paulo foi condenado pelo Poder Judiciário de S. Paulo [decisão confirmada pelo Supremo Tribunal Federal], a efetuar uma indenização aos herdeiros do Embaixador José Carlos de Macedo Soares, pela desapropriação de 1250 ações nominativas, de cerca de R\$ 1.000.000,00 (um milhão de reais), dívida ainda não completamente honrada pelo Estado de S. Paulo.<sup>33</sup>

Casou-se em S. Paulo, a 15 de dezembro de 1908, com o Embaixador Dr. José Carlos de Macedo Soares, nascido em S. Paulo, a 6 de outubro de 1875,

---

<sup>31</sup> Cf. **SL**, 3-415.

<sup>32</sup> Cf. Antônio Barreto do Amaral, José Carlos de Macedo Soares – Embaixador da Paz – Chanceler das Américas – Ensaio, S.Paulo, 1983, ps. 20-1.

<sup>33</sup> Cf. Habilitação de Crédito n. 07/62 – Espólio de D. Mathilde Melchert da Fonseca Macedo Soares (nos autos da ação ordinária Proc. n. 630/61 – A . Barretto Filho S/A e Outros *versus* Fazenda Pública do Estado de S. Paulo, em curso na 2ª Vara da Fazenda Pública da Comarca da Capital do Estado de S. Paulos).

filho do Professor José Eduardo de Macedo Soares, farmacêutico pela Faculdade de Medicina da Corte, nascido na Fazenda do Bananal, descendendo das mais ilustres e abastadas famílias daquela Província e da do Espírito Santo, e de D. Cândida de Azevedo Sodré, de antiga família do Rio de Janeiro.<sup>34</sup> Não vamos transcrever, aqui, a trajetória brilhante do insigne Embaixador José Carlos de Macedo Soares<sup>35</sup>. Basta dizer que, entre numerosas funções e cargos que exerceu, destacam-se os de Ministro das Relações Exteriores, Ministro da Justiça e Presidente Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Chefe da Delegação do Brasil à Conferência do Desarmamento etc etc.

Tanto quanto sua esposa, praticava a filantropia.

Diz-nos Antônio Barreto do Amaral<sup>36</sup>:

*“Mordomo do Asilo dos Inválidos de 1916 a 1918, exerceu, de 1917 a 1920 as difíceis funções de Mordomo do Hospital de Lázarus do Guapira, mantido pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia.*

*“Condoído da sorte dos infelizes alí internados, trabalhou intensamente na reorganização interna do estabelecimento e muito antes do Governo do Estado ter avocado a solução do problema, já se preocupava o Dr. Macedo Soares com o bem-estar dos internados e de suas famílias. Tanto carinho deu, tanto amenizou aquele triste e amargo hospital que, em sinal de gratidão, os internandos pediram licença à Mesa Administrativa para colocar, por conta deles, o seu retrato no salão principal do edifício.*

*“Ao assumir o cargo, deu prontas e rápidas providências para a recuperação da deplorável situação em que se encontrava a leprosaria de Guapira.*

*“No relatório apresentado, a 17 de maio de 1917, ao Provedor da Santa Casa, disse: “Nos poucos meses passados, depois que assumimos a mordomia, não tendo sido possível ainda a organização de um plano definido para a remodelação completa do Hospital dos Lázarus, convergimos todo o nosso esforço no sentido de transformar num verdadeiro hospital, o degradante amontoado de infelizes doentes, pois outra coisa não era a leprosaria do Guapira”.*

---

<sup>34</sup> Cf. Julião Rangel de Macedo Soares, *Nobiliarquia Fluminense*, *passim*, e Antônio Barreto do Amaral, *ob. cit.*, p. 14.

<sup>35</sup> Não podemos, todavia, deixar de mencionar algumas obras de sua extensa bibliografia: *O Brasil e a Sociedade das Nações*, Paris, 1927, *Falsos troféus de Ituzaingó*, S. Paulo, 1920, *Escolas de Fachada*, S. Paulo, 1920, *Justiça* (com prefácio do Prof. Lapradelle, da Faculdade de Direito de Paris), 1925, *Fronteiras do Brasil no Regime Colonial*, José Olympio Ed., Rio de Janeiro, 1939, etc. tendo diversas de suas obras sido traduzidas para o espanhol, o francês, o inglês e o italiano.

<sup>36</sup> *Ob. cit.*, p. 251.

*“Dele partiram os primeiros passos no sentido de que o Governo do Estado chamasse a si a solução de tão grave problema.*

*“No mesmo relatório informava as providências, que, nesse sentido, entendera tomar:*

*“Devidamente autorizado pela respeitável Mesa Administrativa dirigi-me ao Governo do Estado, no sentido de tornar efetiva a profilaxia da lepra.*

*“Devo dizer que encontrei por parte do Dr. Oscar Rodrigues Alves, M.D. Secretário do Interior e Dr. Arthur Neiva, M.D. Diretor Geral do Serviço Sanitário, um perfeito conhecimento do complicado problema da lepra e um sincero desejo de solucioná-lo convenientemente. O mesmo devo dizer do Sr. Dr. Cândido Mota, M.D. Secretário da Agricultura, a quem tivemos de nos dirigir a propósito de saber-se ao certo as terras devolutas, pertencentes ao Governo do Estado, não distantes de São Paulo, e que se prestassem ao estabelecimento da leprosaria nova”.*

Foi, também, Mordomo do Asilo Santo Antônio, em Araras, do Externato S. José, em S. Paulo [excelente casa de educação, até hoje existente, mantida pelas Irmãs de S. José, de Chambéry, ordem fundada no Brasil pela Revma. Madre Maria Teodora Voiron], Hospitais de Campos do Jordão, prestou auxílios à biblioteca da Faculdade de Direito de S. Paulo.

Conta seu biógrafo, Antônio Barreto do Amaral<sup>37</sup>, que encobria os donativos que fazia. Outros, é que nos relatam os benefícios que prodigalizava aos desafortunados:

*“Conta o Coronel Luís Tenório de Brito que o Dr. César Lacerda Vergueiro “mantivera com o Dr. José Carlos de Macedo Soares determinadas relações de negócios, uma espécie de procuradoria, diz ele, se bem entendi, do ilustre presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Entre as incumbências que lhe estavam afetas, havia a seguinte – à aproximação do Natal, percorrer as casas de penhor de S. Paulo e levantar, cuidadosamente, as cautelas de jóias e objetos de estimação ali depositados por pessoas representativas de velhas famílias paulistas e que o infrotúnio alcançara em meio da jornada. Liquidados os débitos, eram (ou ainda serão) as relíquias devolvidas por mãos desconhecida a cada qual dos seus donos, sensibilizados e intrigados por certo com tão extraordinária quanto agradável surpresa. Não se diga, porém, que tão original sistema de benemerência se expressa apenas em relação a determinada categoria social. Não. Sobre outras classes, mais numerosas talvez, igualmente recaem as atenções do magnânimo da Rua São Luís. Agentes seus procuram as casas que vendem máquinas de costura a prestações e onde encontram contratos em comissão ou prestes a perder o seu valor, em consequência*

---

<sup>37</sup> Ob. cit., p. 255-6.

*de atraso em pagamentos, mão oculta restabelece o crédito e aquele utensílio continua a prestar os inestimáveis serviços que se verificam na casa humilde onde ele existe”.*

Assim era José Carlos de Macedo Soares e da mesma maneira se desenvolveu a obra piedosa de sua esposa, D. Mathilde.

## II – O TESTAMENTO DE D. MATHILDE MELCHERT DA FONSECA DE MACEDO SOARES<sup>38</sup>

D. Mathilde faleceu no dia 7 de setembro de 1963, na cidade do Rio de Janeiro, então no Estado da Guanabara.

O testamento, feito e assinado de próprio punho, foi apresentado aos 18 de setembro do mesmo ano pelo marido, sendo processado no Cartório do Sétimo Ofício da Família e das Sucessões da Comarca da Capital do Estado de S. Paulo, pela escrivã Angelina Moraes Sattin.

O casal D. Mathilde-Embaixador Macedo Soares não teve filhos. Como não tinha ascendentes vivos, D. Mathilde pode dispor largamente de sua meação (era casada com comunhão de bens).

Depois de legar alguns bens ao marido e às sobrinhas [por afinidade] e afilhadas, dispôs em favor das vocações sacerdotais, de diversas ordens religiosas, que presumivelmente cuidavam de crianças e velhos abandonados, de leprosos e tuberculosos e de algumas instituições caritativas dedicadas aos órfãos, cancerosos e tuberculosos:

1 – Carmelo de São José em Jundiaí (SP), indicando que o valor deveria ser aplicado na compra de ações **ao portador** (grifo da testadora) da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, devendo as cautelas ser entregues diretamente e pessoalmente às carmelitas, falando com a Priora Madre Teresa do Menino Jesus, ou com a Madre Inês, *ou quem as suas vezes fizer*

2 – Carmelo de Pouso Alegre, Sul do Estado de Minas Gerais, também indicando a necessidade da compra de ações da Companhia Paulista.

3 – Irmãs Concepcionistas franciscanas do Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês (Conventinho), de Itú (SP), também com aplicação na compra de ações ao portador da Companhia Paulista, pedindo entregar as cautelas diretamente à Madre Abadessa do Mosteiro Madre Maria Gema de Cristo Rei.

4 – Mosteiro de Santa Maria das religiosas beneditinas da R. S. Carlos do Pinhal, 425, em S. Paulo, desta vez sem indicar a necessidade da compra de ações.

---

<sup>38</sup> Transcrito, na íntegra, no apêndice IV deste artigo.

5 – Carmelo de S. José dos Passos, no Estado de Minas Gerais, também sem obrigar à compra de ações.

6 - Convento da Companhia da Santíssima Virgem, em Petrópolis, indicando, como em todos os casos, o nome da Priora ou Abadessa responsável. Neste caso, Madre Inês dos Anjos ou Madre Madalena deCristo.

7 – Convento dos Sagrados Corações das Irmãs Norbertinas, mandando falar com a Madre Gabriela, Priora, “*ou com as irmãs Agatha ou Regina ou quem as suas vezes fizer*”.

8 – Carmelo de Marília (SP) – Mandando falar com a Priora Madre Angela da Cruz.

9 – Bolsa sacerdotal Padre Leonel Franca. E indica: “*Esta bolsa é da Companhia de Jesus. Falar com o Padre Flavio da Veiga ou com quem as suas vezes fizer*”.

10 – Obra das Vocações Sacerdotais de Brasília, sem nenhuma indicação, a não ser o valor do legado (cinquenta mil cruzeiros).

11 – Obra das Vocações Sacerdotais do Rio de Janeiro, indicando “*ou em dinheiro ou em ações da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Falar com o diretor da Obra das Vocações Sacerdotais do Rio de Janeiro*”. E lembra, de repente, “*Com referência à bolsa sacerdotal Padre Leonel Franco (sic), o padre Flavio da Veiga deve estar no Colégio Santo Inácio na rua S. Clemente ou no Seminário Aluisianum na rua Bambina 115 no Rio de Janeiro*”.

12 – Obra das Vocações Sacerdotais de S. Paulo – “*em dinheiro ou em ações da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Falar com o Bispo Dom Vicente Zone ou quem as suas vezes fizer*”.

13 – Seminário Central do Ipiranga – sem maiores indicações, lega vinte mil cruzeiros.

14 – Idem, Obra das Vocações Sacerdotais de Petrópolis

15 – Idem, Obra das Vocações Sacerdotais de Nova Friburgo.

16 – Idem, para o Pavilhão Cura D’Ars, do Sanatório Maria Imaculada de S. José dos Campos [provavelmente de tuberculosos].

17 – Vocações Sacramentinas, com sede no Santuário do Coração Eucarístico de Jesus, na Matriz de Sant’Ana do Rio de Janeiro.

18 – Servas do Santíssimo Sacramento, na rua Barão de Iguape em S. Paulo.

19 – Hospital dos Cancerosos de S. Paulo, “*dirigido pelo Dr. Prudente de Moraes e Dona Carmen Anes Dias Prudente de Moraes*”.(Vinte mil cruzeiros).

20 – Seminário dos Padres Assuncionistas de Eugenópolis, Minas Gerais. “*Falar com o Padre Timoteo ou com o Reitor ou com o Superior dos Pa-*

A Benemerência privada no Estado de S. Paulo

*dres Assuncionistas da Igreja da S.S. Trindade no Rio de Janeiro à rua Senador Vergueiro 141*".[Que não se perdesse o legado por falta de informações...]

21 – Matriz de Santa Teresinha da Rua Maranhão em S. Paulo (dez mil cruzeiros).

22 - Obra das Vocações Saletinas (sic). E indica: "*Falar com o Padre Mathias, à rua Voluntários da Pátria, em Sant'Ana, S.Paulo*".

23 – Basílica de Santa Teresinha do Menino Jesus, à rua Mary de Barros, no Rio de Janeiro.

24 – Escola Apostólica dos Padres Carmelitas de S. Roque do Estado de S. Paulo.

25 – Mosteiro Passionista de Santa Gema Galgani, na rua Lisboa, nos Pinheiros, em S. Paulo.

26 – Noviciado das religiosas do Sacre Coeur de Marie, em Vassouras, Estado do Rio de Janeiro.

27 – Carmelo da Santíssima Trindade, em Corrêas (Petrópolis).

28 – Mosteiro de Santa Maria da Visitação, em Niterói.

29 - Convento de Santa Clara, das Irmãs franciscanas concepcionistas de Sorocaba, Estado de S. Paulo.

30 – Convento de Santa Clara, "*das pobres clarissas de Belo Horizonte*".

31 – Irmãzinhas dos Pobres (*petites soeurs des jeunes*) – da rua do Ouro, Tatuapé, em S. Paulo.

32 – Carmelo das Águas da Prata, em S. Paulo, indicando "*falar com a Priora Madre Maria de Jesus ou com a Madre Maria de Fátima ou com quem as suas vezes fizer*".

33 – Convento das Carmelitas Servas dos Pobres, "*da Madre Maria Teresa do Espírito Santo, fundadora e Superiora Geral da Congregação, da rua do Corcovado (Corcovado) 90 ou 190, no Rio de Janeiro*".

34 – Convento das religiosas redentoristas (sic) da Madre Maria Letícia, Rua Padre Odorico 8 ou 80, bairro da Prata, Belo Horizonte.

35 – Orfanato Sagrada Família de Campos do Jordão, indicando que era uma instituição inteiramente privada, pois é "*da Dona Jeny Pinto de Sampaio*".

36 – Obra das Vocações Sacerdotais de Campinas (SP)

37 – Casa de Repouso das Irmãs Vicentinas – "*da Irmã Maria Celeste*" – em Campos do Jordão

Vê-se que o testamento de D. Mathilde indica sua preocupação com as vocações sacerdotais, recaindo, marginalmente, em obras privadas de assistência à saúde.

Por fim, D. Mathilde lega o remanescente da sua meação [que era bem considerável, apesar de todos os legados supra mencionados], ao esposo, Embaixador José Carlos de Macedo Soares, além de *“mais alguns desejos meus, que deixarei em carta separada, indicados”*.

Termina o testamento pedindo desculpas aos testamentários pelo trabalho e nomeia em primeiro lugar o marido, José Carlos de Macedo Soares, em segundo lugar, no impedimento do esposo, o cunhado Dr. José Cassio de Macedo Soares [importante médico em S. Paulo] e em terceiro lugar, o sobrinho, José Eduardo de Macedo Soares Sobrinho [advogado em S. Paulo].

*Pede “às justiças que o cumpram e façam cumprir como nele se contém e declara”*, firmando-o na cidade do Rio de Janeiro, a 7 de dezembro de 1960.

## CONCLUSÃO

*“Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa”*

GILBERTO FREYRE

A possibilidade de acesso aos documentos que concernem à vida de nossos antepassados, como um testamento e o respectivo inventário, como vimos, é em extremo importante para o estudo da história, dos costumes e da genealogia de um determinado povo e, em consequência, essencial à melhor compreensão das atividades contemporâneas.

Traçar as árvores genealógicas, estudar os costumes dos antigos, venerar as velhas tradições de um passado de família, estudar-lhes os princípios e, principalmente, as atitudes práticas de respeito pelos humildes levadas por nossos maiores, nos parece obra patriótica, dependente, porém, para credibilidade científica, dos necessários documentos, que ilustram e comprovam admiravelmente os fatos e nos orientam para o futuro.

Eis, neste ponto, o valor que conferimos aos testamentos que analisamos e, agora, apresentamos ao público.

Lamentavelmente, o Poder Judiciário do Estado de S. Paulo parece não pensar assim. Abandonando as vetustas tradições daquela Corte, onde numerosos próceres das melhores famílias paulistas deixaram páginas imorredouras de res-

peito aos valores mais caros à humanidade, determinou, sumariamente, a encineração dos processos arquivados há mais de cinco anos.<sup>39</sup>

Semelhante pretensão, à toda evidência, não poderia ser acolhida pela população. Felizmente, os reclamos de instituições universitárias, acadêmicas e associativas, formadas por professores, historiadores, genealogistas, arquivistas, bibliotecários e juristas, encontraram éco na Suprema Corte, que declarou, liminarmente, suspensa a eficácia do famigerado Provimento n. 556, de 14 de fevereiro de 1997, editado pelo Conselho Superior da Magistratura.

Esperamos, confiantes, que o Supremo Tribunal Federal afaste, definitivamente, a ameaça inqualificável à nossa história, aos nossos antepassados e, em última análise, à própria Justiça.

xx

*Este artigo vai dedicado à memória de D. Sinhá Junqueira, do casal Maria Ozilla (Maricota)-Thomaz Monteiro de Lima, de André Francisco de Andrade Arantes e de Orlandina Junqueira de Oliveira Martins de Andrade (Fifi). Vai também para D. Maria Helena Junqueira da Veiga Serra e Maria Fernanda Junqueira da Veiga Serra, com muita gratidão.*

xx

## APÊNDICES

---

<sup>39</sup> O Provimento n. 556, de 14 de fevereiro de 1997, editado pelo Conselho Superior da Magistratura, às instâncias do Desembargador Yussef S. Cahali, cuja validade se encontra em discussão no mandado de segurança impetrado pela ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE SÃO PAULO, teve a sua eficácia suspensa pelo Supremo Tribunal Federal, em sessão plenária realizada no dia 2 de dezembro de 1998, até a decisão final da ação direta de inconstitucionalidade proposta.

**I**  
**TESTAMENTO DE D. SINHÁ JUNQUEIRA**

“No. 1404 – Ano de 1947. São Paulo, 8 de novembro de 1947. Testamento cerrado. Eu, Teolina Junqueira, que também me assino Sinhá Junqueira, maior, industrial, lavradora e proprietária domiciliada nesta Capital, onde residio à Rua Frei Caneca n. 1.246, venho de minha livre e espontânea vontade, em pleno uso e gozo de minhas faculdades mentais, fazer, pelo presente, o meu testamento e disposição de meus bens para depois de minha morte, tendo pedido ao dr. Otávio Uchoa da Veiga, maior, titular do 11º Tabelionato desta Comarca, casado, residente e domiciliado nesta Capital, pessoa de minha inteira confiança, que escrevesse este testamento cerrado, sob meu ditado, não o fazendo eu própria em virtude de dores que sinto nos braços e que me impedem de escrever longamente. Sou filha legítima de Martiniano Francisco da Costa e de D. Maria Rita da Costa, ambos já falecidos; nasci no município da Franca, em 24 de fevereiro de 1875 e ali me casei em 26 de novembro de 1891 com Francisco Maximiano Junqueira, falecido em Ribeirão Preto em 19 de novembro de 1938. De nosso feliz consórcio não nasceram filhos e não possuindo ascendentes vivos posso dispor livremente de todos os meus bens, para depois de minha morte, como ora o faço, e pela maneira seguinte: - 1) Para minha irmã Maria Paula de Andrade Junqueira, deixo o prédio e respectivo terreno situado à Rua Frei Caneca n. 1.246, nesta Capital, com o mobiliário nele existente, legado que será recolhido pelos descendentes da legatária, no caso de pré-falecimento desta; 2) Para meu irmão Azarias de Andrade Junqueira, residente em Ribeirão Preto, deixo em fideicomisso, a importância de cem mil cruzeiros, que pela sua morte, ou pré-falecimento passará para sua filha dona Maria Manuela de Andrade; 3) Para o meu sobrinho Carlos Henrique, filho de meu sobrinho Sebastião de Andrade Junqueira a importância de cinquenta mil cruzeiros e dez mil cruzeiros, para cada um dos demais filhos do mesmo Sebastião de Andrade Junqueira; 4) Para os descendentes de Vicente Macedo, ex-empregado das Usinas Junqueira, a importância de vinte mil cruzeiros; 5) Para cada um de meus sobrinhos Arlindo, Maria de Lourdes e Francisco Regis, esposa e filhos do Dr. Álvaro Caires Pinto, a importância de duzentos mil cruzeiros; 6) Para as minhas sobrinhas Guiomar e Alcina, filhas de meu falecido irmão Bernardo Avelino de Andrade, a cada uma a importância de cinquenta mil cruzeiros; 7) Para meu sobrinho Augusto Diniz Junqueira, a importância de cinquenta mil cruzeiros; 8) Para minha cunhada Genoveva de Andrade, que foi casada com o meu irmão Joaquim Martiniano de Andrade, a importância de cem mil cruzeiros em fideicomisso, para por morte da fiduciária passar para o seu filho Joaquim Martiniano, meu afilhado, o qual receberá este legado no caso de pré-falecimento da legatária; 9) Para a minha cunhada Ana de Andrade Dias, que foi casada com meu irmão João Flausino de Andrade, cinquenta mil cruzeiros; legado que será recolhido pelos descendentes da legatária no caso do pré-falecimento desta; 10) Para o Asilo da Divina Providência, Asilo dos Cegos Padre Chico, ambos de São Paulo, para a Casa da Criança de Franca, para a Casa da criança de Igarapava, para o Asilo da Velhice Desamparada de Franca, para o Albergue Noturno de Ribeirão Preto, para o Asilo Padre Euclides de Ribeirão

## A Benemerência privada no Estado de S. Paulo

Preto, Asilo Anália Franco de Ribeirão Preto, Conferência São Vicente de Paula de Ribeirão Preto, para o Instituto de Assistência e Proteção à Infância de Ribeirão Preto, para as Santas Casas de Misericórdia de Colina, Igarapava, e Franca a importância de cinqüenta mil cruzeiros para cada uma dessas entidades; 11) Deixo a importância de cinqüenta mil cruzeiros para cada um dos filhos do meu médico Dr. Valdemar Barnsley Pessoa, residente na cidade de Ribeirão Preto; 12) Deixo a importância de cem mil cruzeiros, para o meu testamenteiro distribuir entre as demais casas de caridade de Ribeirão Preto, tendo em vista a necessidade de cada uma delas, a seu juízo; 13) Para os filhos da minha sobrinha Mariana Junqueira Morgan, casada com Henrique Morgan de Aguiar, a importância de cinqüenta mil cruzeiros; 14) Para a minha sobrinha Vera Lobato, filha do Dr. Jorge Lobato, residente em Ribeirão Preto, a importância de cinqüenta mil cruzeiros; 15) Para a minha sobrinha Ernestina Mamede da Silva, casada com o Desembargador Joaquim Mamede da Silva, residente nesta Capital, a importância de cinqüenta mil cruzeiros; 16) Deixo cem mil cruzeiros para cada um dos meus sobrinhos Paulo Francisco de Arantes e Maria Stela Arantes, filhos do Dr. Altino Arantes, residentes em S. Paulo; 17) Deixo quinhentos mil cruzeiros para o meu sobrinho Dr. Altino Arantes e no caso de ele vir a falecer antes de mim o legado que aqui lhe deixo será para seus filhos, na proporção de quatrocentos mil cruzeiros para os filhos de seu primeiro matrimônio, e cem mil cruzeiros para os filhos do segundo matrimônio; 18) Deixo dez mil cruzeiros para os filhos de meu copeiro Matakito Sato, residente nas Usinas Junqueira; 19) Deixo cinqüenta mil cruzeiros para serem convertidos em Apólices da Dívida Pública, com as cláusulas de inalienabilidade e impenhorabilidade para o Patrimônio e Abrigo Dona Ambrosina de Matos, em São João Nepomuceno, Estado de Minas Gerais; 20) Deixo a importância de duzentos mil cruzeiros para a Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto para ser aplicada exclusivamente no tratamento de indigentes; 22) Deixo para minha sobrinha Maria Marta D'Able, casada com Raul D'Able, a importância de cinqüenta mil cruzeiros; 23) Deixo ao meu sobrinho Geraldo de Andrade, filho de meu sobrinho João Gabriel de Andrade, a importância de cem mil cruzeiros; 24) Para o Asilo Padre Bento, para tratamento de leprosos, deixo a importância de duzentos mil cruzeiros; 25) Para a Associação Santa Teresinha, de Carapicuíba, atualmente dirigida por dona Margarida Galvão, deixo duzentos mil cruzeiros; 26) Para o Abrigo de Tuberculosos Pobres da Sociedade de Assistência Social e de Combate à Tuberculose de São José dos Campos, cem mil cruzeiros; 27) Para o Hospital São Vicente de Paula de Campos do Jordão, para crianças tuberculosas dirigido pelo Padre Vita, a importância de cem mil cruzeiros; 28) Deixo para as obras da Igreja de São José de Ribeirão Preto cinqüenta mil cruzeiros; 29) deixo para as obras da Igreja de Nossa Senhora do Sagrado Coração, nesta Capital, a importância de cinqüenta mil cruzeiros; 30) Deixo para a caixa dos doentes do Hospital de Tuberculosos de Sapicado (Espírito Santo do Rio do Peixe) para a ultimação do cinema, ou, no caso de estar já concluído, para qualquer obra, à escolha dos enfermos e que melhore as condições destes, a importância de cem mil cruzeiros; 31) Deixo a importância de cem mil cruzeiros para cada uma das caixas dos doentes internados nos Hospitais de Cocais, Santo Ângelo, Pirapintigüi e Aimorés; 32) Deixo para minha

sobrinha Maria Odete, filha de Martiniano de Andrade, a quantia de cem mil cruzeiros; 33) Deixo para os Sanatorinhos de Tuberculosos de Campos do Jordão cem mil cruzeiros; 34) Deixo a importância de cinquenta mil cruzeiros para ser distribuída aos meus empregados domésticos que me servirem na ocasião de minha morte, e que mereceram a critério exclusivo de meu testamenteiro; 35) Deixo cem mil cruzeiros para o “Pão dos Pobres” da Igreja de Santo Antônio, em Ribeirão Preto; 36) Deixo cinquenta mil cruzeiros para o meu afilhado e sobrinho Bráulio de Andrade Junqueira; 37) É meu desejo realizar, ainda em vida, a criação de instalação de uma fundação, denominada de “Maternidade Sinhá Junqueira”, destinada ao amparo médico-social da maternidade e da infância, com sede em Ribeirão Preto, onde deverá ser construído o prédio próprio, para isso, no terreno de minha propriedade, situado na mesma cidade, à Rua Bernardino de Campos, esquina da Rua Sete de Setembro e que adquiri por escritura pública de 29 de setembro de 1944. Se, por qualquer circunstância, independente de minha vontade, não tiver eu criado esta fundação, declaro que pelo presente testamento e na melhor forma de direito, fica criada e instituída uma fundação denominada “Maternidade Sinhá Junqueira”, destinada a instalar e manter em Ribeirão Preto uma maternidade destinada a prestar serviços à parturiente pobre e à infância desvalida, e nomeio seus organizador e diretor vitalício o dr. Valdemar Barnsley Pessoa, médico, residente em Ribeirão Preto, o qual poderá nomear o seu sucessor, também em caráter vitalício, cabendo a administração da mesma fundação ao diretor-técnico, digo, cabendo a administração da mesma fundação ao diretor referido e ao Conselho de Administração que desde já nomeio: Dona Maria Helena Junqueira, dona Lola Cintra Meireles, dr. Valdemar Barnsley Pessoa, dr. Paulo Francisco de Andrade Arantes; dr. Joaquim Aurélio Filho, Antonio Carlos Pompêo de Camargo e dr. Avelino Alves de Andrade Palma, todos maiores, brasileiros, residentes em Ribeirão Preto, exceto o Dr. Paulo Francisco de Andrade Arantes que reside em São Paulo, sendo estes, conselheiros vitalícios e a eles atribuo todos os poderes para organizar a a fundação e constituir a pessoa jurídica. De modo que, quer eu venha a instituir a fundação por ato inter-vivos quer ela se constitua por efeito de minha vontade manifestada no presente testamento, faço desde já a dotação necessária para a sua organização. Assim, lego à referida fundação “Maternidade Sinhá Junqueira” além do terreno já referido, e seja qual for a dotação que em vida eu lhe venha a fazer, lego ainda a importância de vinte milhões de cruzeiros, sendo dez milhões de cruzeiros para a construção e instalação da mesma maternidade, e ficando fazendo parte de seu patrimônio inalienável; e o restante dez milhões de cruzeiros aplicados em títulos da Dívida Pública da União ou do Estado, ou em ações ou debêntures de grandes companhias de alto conceito econômico, sujeitas à cláusula de inalienabilidade, para que os seus frutos e rendimentos possam ser aplicados na manutenção da mesma maternidade. Na constituição dessa fundação devem ser aproveitados, na parte que for aplicável, os preceitos e recomendações que faço em relação à fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira; 38) deixo a importância de dez milhões de cruzeiros para constituir fundo inalienável da fundação “Educandário Coronel Quito”, com sede em Ribeirão Preto, sendo que os frutos e rendimentos desse fundo inalienável e patrimonial se destinarão a melhorar e ampliar a obra de

assistência a menores que a mesma fundação vem realizando; 39) Deixo a importância de seis milhões de cruzeiros para o fim especial de ser fundada e instalada, na cidade de Ribeirão Preto, uma biblioteca pública, a qual será instalada no prédio da Rua Duque de Caixas n. 88 (oitenta e oito), em Ribeirão Preto, sendo que tanto a doação de seis milhões de cruzeiros, como o legado do referido prédio, da Rua Duque de Caixas n. 88 ficam feitos a uma fundação, de fundo cultural e instrutivo, que ora declaro fundada e instituída, e encarrego ao Dr. Altino Arantes, e na sua falta ao Dr. Paulo Francisco de Andrade Arantes, de praticar todos os atos necessários para a constituição da pessoa jurídica da biblioteca e aquisição de livros e outros objetos necessários para a efetivação da medida. O Dr. Altino Arantes ou o Dr. Paulo Francisco de Andrade Arantes tem plena liberdade na escolha dos componentes do *Conselho* Administrativo dessa fundação. As importâncias desses três legados ou dotações que não forem aplicadas nas instalações ou em obras das respectivas instituições, serão convertidas em títulos da Dívida Pública, Federal ou Estadual, ou em títulos (ações ou debêntures) de companhias de grande conceito público e sobre estes títulos ficam estabelecidas as cláusulas de inalienabilidade e de impenhorabilidade, mas os frutos e rendimentos serão aplicados na manutenção dos respectivos institutos. Instituo minha única e universal herdeira de todos os demais bens, direitos, títulos e ações sem exceção alguma, a Fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira que crio e instituo neste testamento. A referida Fundação, com sede na cidade de São Paulo, terá por fim e objetivo: a) amparar e educar a infância abandonada e desvalida; b) amparo à parturiente e à mãe pobre; c) amparo aos tuberculosos pobres; d) amparo à velhice desamparada, morféuticos pobres e à pobreza principalmente de Ribeirão Preto, Franca, Igarapava e Colina; e) amparo aos empregados e operários das Usinas Junqueira e seus filhos. Para a realização dos objetivos mencionados nas letras *d e e* a minha universal herdeira destinará um fundo de três milhões em títulos da Dívida Pública da União ou do Estado de São Paulo, ou imóveis, a critério do Conselho Administrativo da Fundação. As rendas do patrimônio da Fundação serão aplicadas preferencialmente na construção e custeio da Maternidade Sinhá Junqueira, na manutenção do Educandário Coronel Quito e na instalação e funcionamento da Biblioteca Pública de Ribeirão Preto e quando se verificar excesso de rendas e já estiverem em funcionamento estes três institutos, o Conselho Administrativo da Fundação aplicará o excedente da renda aos demais serviços de assistência social que constituem as finalidades objetivas da Fundação. Para realizar os recursos necessários ao cumprimento dos legados inclusive os da Maternidade Sinhá Junqueira, educandário Coronel Quito e Biblioteca Pública de Ribeirão Preto, poderá o meu testamentário vender as propriedades agrícolas da heranças, mas as Usinas Junqueira e as fazendas anexas só em último caso serão vendidas com a obrigação para o comprador de manter o nome "Usina Junqueira". O saldo será sempre administrado pela Fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira, pesando porém sobre esse saldo, também aplicado em títulos da Dívida Pública ou de companhias de alta reputação, as cláusulas de inalienabilidade e impenhorabilidade. A Fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira, que instituo e deixo criada neste testamento, será administrada por um Conselho Administrativo composto de sete membros vitalícios que escolherão entre si um

presidente, um secretário e um tesoureiro, e desde já nomeio os membros componentes desse Conselho e que são os seguintes: Dr. Paulo Francisco de Andrade Arantes, Dr. Valdemar Barnsley Pessoa, Dr. Tomás Lessa, Dr. Altino Arantes, Bráulio de Andrade Junqueira, Antônio Carlos Pompêo de Camargo e dr. Joaquim Aurélio Cardoso Filho os quais dentro de seis meses após a abertura de minha sucessão se reunirão para elaborar os estatutos dentro dos moldes que aqui deixei determinando, submetendo-os à aprovação da autoridade competente. No caso de renúncia, morte ou abandono de algum ou de alguns de seus membros ou ainda no caso de não poder algum deles exercer o cargo de Conselheiro, por incompatibilidade ou disposição legal, o Conselho reunido deliberará por maioria de votos sobre a escolha do substituto ou substitutos, sendo condição para ser Conselheiro ser maior de vinte e cinco anos de idade, brasileiro nato de absoluta idoneidade, moralidade e capacidade. Dada a relevância e responsabilidade dos serviços a cargo dos Conselheiros, estabeleço que, da renda líquida anual dos bens constitutivos da Fundação, seja distribuída a porcentagem de quinze por cento aos membros do Conselho Administrativo, como retribuição aos relevantes serviços de que ficam encarregados. Se as pessoas por mim aqui nomeadas para constituírem o primeiro Conselho, nenhum deles aceitar a incumbência, ao meu testamentário incumbirá a nomeação do primeiro Conselho, do qual ele poderá fazer parte; mas, havendo um só dos designados por mim que aceite o encargo, a esse incumbirá convidar os seus companheiros. O primeiro Conselho Administrativo da Fundação será compromissado pelo Juiz da execução do testamento, ouvido o Ministério Público. No caso de morte ou renúncia de todos os Conselheiros, incumbe ao titular efetivo do Juízo da Primeira Vara das Famílias e das Sucessões da Comarca desta Capital, juntamente com o titular da Curadoria de Resíduos, intervir desde logo para restabelecer a normalidade da Fundação, nomeando então dentre os moradores da cidade, ouvido o Ministério Público, pessoa de absoluta confiança e idoneidade, a qual dará compromisso e o nomeado escolherá os seis companheiros restantes, com aprovação da mesma autoridade judiciária, para integrar o Conselho que, desta forma, readquirirá a sua inteira autonomia. Enquanto, porém, houver um Conselheiro no exercício do cargo, a este incumbirá a escolha dos seis companheiros restantes. O Conselho Administrativo da Fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira será completamente autônomo nas suas deliberações e na administração da fundação e de seu patrimônio. Sugiro que, quando houver recursos suficientes para isso, o conselho Administrativo fará construir anexo ao Hospital São Francisco em Ribeirão Preto um pavilhão especialmente destinado ao tratamento e assistência aos doentes de câncer. Concedo o prazo de cinco anos para o pagamento dos Legados que instituo, e funcionamento das Fundações que ficaram criadas, prazo esse que poderá ser prorrogado mediante aprovação do Juízo do inventário, com audiência do Ministério Público. Sendo domiciliada em S. Paulo, determino que no foro desta comarca se proceda aos termos do inventário dos meus bens. Nomeio para meus testamentários ao Dr. Altino Arantes, dr. Valdemar Barnsley Pessoa, Dr. Tomás Lessa e Bráulio de Andrade Junqueira, os quais servirão na ordem da nomeação e a eles peço aceitem esse encargo, para o que lhes dou por abonados. Declaro que o que servir como testamentário terá direito à vintena, seja ou não legatário, e a ele

concede a posse e a administração da herança. As instituições de caráter filantrópico, que são aquinhoadas com legado ou herança, deverão elas próprias pleitear dos poderes públicos a isenção de quaisquer impostos que porventura recaiam sobre o seu respectivo legado ou herança. Os impostos que porventura sejam devidos por pessoas físicas legatárias deverão ser pagos pela minha herança, de modo que os beneficiários recebam os seus legados livres de impostos. Declaro expressamente revogados, e inteiramente, quaisquer testamentos ou codicilos anteriores à presente data, para que prevaleça o presente testamento que é a expressão de minha vontade, livremente manifestada. Tendo lido e relido com a maior atenção, o que acima ficou escrito, e estando tudo de acordo com os meus desejos, peço a todos e à Justiça do país que cumpram e façam cumprir o presente testamento, tal como ele está escrito. Ressalvo a emenda da palavra “crio” da décima nona linha da página nove. Li e reli e achei tudo conforme. São Paulo, 8 de novembro de 1947. Teolina Junqueira, Sinhá Junqueira”.

## II

### **Genealogia (parcial) da Família de D. Sinhá e do Coronel Quito Junqueira.**

**JOÃO FRANCISCO JUNQUEIRA**, Patriarca da Família Junqueira no Sul do Brasil, batizado na Freguesia de S. Simão do Junqueira, do lugar da Gonda, em 14-11-1727, filho de João Manuel, da Aldeia do Fontam, batizado em 19-9-1697, e de Ana Francisca do Vale, do lugar de S. Mamede da Freguesia de S. Simão da Junqueira, batizado em junho de 1689, os quais se casaram em S. Simão da Junqueira em 19-5-1720, sendo ele filho de Domingos Manuel e de Maria Fernandes, da Aldeia do Fontam, e ela filha de Manuel Francisco e de Ana Gonçalves, do lugar de S. Mamede.<sup>40</sup>

C.c. Helena Maria do Espírito Santo, batizada na Capela de Sto. Antônio, filial de S. João Del Rei em 16 de junho de 1737, filha de Inácio Franco, nascido e batizado em 3-4-1695, na Freguesia de Balga (sic), Termo da Vila de Feira, Bispado do Porto, e de Maria Teresa de Jesus, casados em fevereiro de 1728, na Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, filial de S. João Del Rei, perante o Pe. Bento Ferreira e na presença das testemunhas Diogo Garcia e Antônio Gonçalves; n.p. de Manuel Francisco Franco e de Vicência João; n.m. de Manuel Gonçalves da Fonseca e de sua mulher, Antônia da Graça<sup>41</sup>.

Tiveram, entre outros:

### **TÍTULO 1 - Maria Francisca da Encarnação Junqueira**

Terceira filha do patriarca da família, João Francisco Junqueira. Proprietária da Fazenda Santo Inácio. Foi inventariada na Comarca de S. João Del Rei em 1822,

---

<sup>40</sup> Cf. José Guimarães, in As Ilhoas, artigo publicado na Revista Genealógica Latina n. 12, ps. 71-72, separata oferecida ao autor em 17-3-1985, e Frederico de Barros Brotero, Memórias e Tradições da Família Junqueira, cit., ps. 4-8.

<sup>41</sup> José Guimarães, As Ilhoas, ob. cit., ps. 71-72.

sendo mencionada, também, como Maria Francisca do Vale, e na declaração de herdeiros constam o nome de dez filhos.<sup>42</sup>

C.c. o português Alferes Gabriel de Souza Diniz, filho de Manuel de Sousa Dinis, da Freguesia de Santa Maria Madalena do Mosteiro de Santo Tirço, Bispado do Porto, e de Ana de Azevedo, batizada em Louzado em 2-2-1707, os quais se casaram na Freguesia de Santa Marinha (sic) de Louzado em 10-4-1729, sendo ele filho de Lexandre (sic) de Sousa e de Luisa Denis, e ela filha de Manuel Azevedo e de Domingas João.<sup>43</sup>

De seus filhos, destacamos os seguintes:

#### **PARÁGRAFO 1º – Capitão Mor Francisco Antonio Diniz Junqueira**

N. em Baependi (MG) e c. 2 vezes. A primeira, com Mariana Constança de Andrade, n. em 1779, filha do Licenciado Jerônimo de Andrade Brito e de Maria de Souza Monteiro<sup>44</sup>, filha esta de André Martins Ferreira, n. na Freguesia de Santo Aleixo de Vila Verde, Concelho e Comarca de Figueira da Foz, distrito e bispado de Coimbra, falecida a 4-6-1777 com testamento e inventariado em S. João Del Rei, e de Maria de Souza Monteiro, falecida a 18-11-1759, inventariada em S. João Del Rei. Segunda vez, c.c. Ana Teodora Monteiro de Barros. Do primeiro casamento, destacamos:

1-1 **Maria Zimilla de Andrade** (também referida como Maria Zenaide Diniz Junqueira). Quarta filha do casal, c.c. o Capitão Francisco Antonio da Costa, filho de João da Costa Lourenço e de Ana Vitória de Jesus, filha esta de João Garcia Duarte e de Antonia Maria de Jesus. Houve oito filhos<sup>45</sup> e destacamos:

2-1 **Mariana Constança de Andrade**. C.c. seu primo, Tenente-Coronel Francisco Maximiano Diniz Junqueira

---

<sup>42</sup> Cf. Brotero, ob. cit., p. 145.

<sup>43</sup> Cf. As Ilhoas, ob. cit., p. 73.

<sup>44</sup> Cf. Cid Guimarães, Ribeiro do Valle, in REVISTA DA ASBRAP n. 4, ps. 149-50.

<sup>45</sup> Frederico de Barros Brotero omite, em Memórias e Tradições da Família Junqueira, cit., ps. 335-349, a filha Theolina de Andrade, que foi casada com seu primo, João Marcílio de Souza Diniz, filho do Capitão José de Andrade Diniz Junqueira e de Ana Junqueira; n.p. de João Francisco Diniz Junqueira e de Ana Hipólita Villela; n.m. do Capitão Mor Francisco Antonio Diniz Junqueira e de Mariana Constança de Andrade. Theolina faleceu morfértica [segundo depoimento de Othilia e Izaura Villela Conrado, em 1983, ao autor]. Não tiveram filhos. Brotero faz menção à João Marcílio, em sua obra, p. 106 (da primeira edição), sem mencionar a condição de casado com sua prima, Theolina, supra referida.

A Benemerência privada no Estado de S. Paulo

Tiveram:

3-1 José Diniz Junqueira, c.c. Perciliana Cândida de Jesus. C.g.

3-2 Joaquim Firmino de Andrade Junqueira, c.c. Rita Villela de Andrade.  
Tendo, entre outros:

....

4-3 (terceira filha de Joaquim Firmino) Maria Paula de Andrade Junqueira, c.c. o Dr. Fabrício de Mendonça Uchoa, filho do Ministro do Supremo Tribunal Dr. Inácio José de Mendonça Uchoa e de Amélia Vieira. Tiveram:

5-1 Paulo Junqueira Uchoa, c.c. Maria Stela de Andrade Arantes, filha do Dr. Altino Arantes Marques e de sua 1ª esposa, Maria Teodora de Andrade.  
Tiveram:

6-1 Maria Teodora, c.c. o Dr. Gilberto de Arruda Sampaio. C.g.

6-2 Maria Paula de Mendonça Uchoa (Paulitinha), c.c. Sebastião Sérgio de Andrade Nogueira. C.g.

...

4-7 Aurélio de Andrade Junqueira (sétimo filho de Joaquim Firmino), c.c. Maria Constança de Rezende, filha do Dr. Gabriel José Rodrigues de Rezende, Professor de Direito Comercial na Faculdade de Direito de S. Paulo e Senador Estadual, e de Maria Constança Benevides de Rezende.

Deixaram, dentre outros:

....

5-2 Dr. Roberto de Rezende Junqueira, Desembargador, c.c. **Maria Bernadette de Arantes Marques**, filha do Dr. Altino Arantes Marques e de sua 2ª esposa, Gabriela Diniz Junqueira, filha esta do Coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, prestigioso chefe político em Ribeirão Preto e em todo o antigo 9º Distrito, abastado cafeicultor, homenageado pela edilidade de Ribeirão Preto com artística herma na praça principal daquela cidade, e de **Emerenciana Junqueira**, irmã do Coronel Quito. Tiveram:

6-1 Teresa Cristina; 6-2 Maria Sílvia e 6-3 **Francisco Roberto de Rezende Junqueira**. Membro do Conselho Administrativo da Fundação D. Sinhá Junqueira.

3-3 Ana Claudina Diniz Junqueira, c.c. Domingos Villela de Andrade. C.g.

3-4 **Francisco Maximiano Diniz Junqueira, Coronel Quito**. C.c. Theolina Zemilla de Andrade (D. Sinhá). S.s.

3-5 Maria Emerenciana Diniz Junqueira, c.c. o Coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira. C.g.

3-6 Manoel Maximiano Diniz Junqueira. C.c. Amélia Augusta Alves da Cunha. C.g.

...

2-4 **Tenente-Coronel Martiniano Francisco da Costa**, fazendeiro, político importante na região da Alta Mojiana. Proprietário de diversas fazendas, destacando-se a Fazenda Boa Esperança, em Franca.

C.c. **Maria Rita da Costa**, sua prima, filha de José Bernardes da Costa Junqueira e de Inácia Constança de Andrade (ou Inácia Diniz Junqueira).

Tiveram:

3-1 Francisco Marcolino de Andrade Junqueira, fazendeiro, + Fazenda Boa Sorte, em Franca, a 9-10-1902.

C.c. Maria Umbelina de Andrade, + S. Paulo a 13-4-1945, com 82 anos de idade, tendo, entre outros:

4-1 Maria Teodora de Andrade, + 12-3-1915. foi uma senhora em extremo bela e elegante. Dela existe lindo pastel, em tamanho natural, que guarnecia o hall de entrada da residência de sua filha, Maria Stella Arantes Uchoa, na rua Irlanda, na Capital de S. Paulo, que tivemos a oportunidade apreciar em visita efetuada por volta de 1983.

C.c. o Dr. **Altino Arantes Marques**, vulto de primeira grandeza no cenário político e intelectual de S. Paulo e do Brasil. Deputado Federal, secretário do Interior no governo Rodrigues Alves; Presidente do Estado de S. Paulo, sócio e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, presidente da Academia Paulista de Letras, Oficial da Legião de Honra (ordem criada por Napoleão I). N. o dr. Altino em Batatais a 29-9-1876, filho do Coronel Francisco de Arantes Marques e de Maria Carolina Garcia de Oliveira; n.p. de Veríssimo Plácido de Arantes e de Escolástica Joaquina do Nascimento Arantes; n.m. de Joaquim Garcia de Oliveira e de Mariana Constança de São José. Tiveram:

**5-1 Dr. Paulo Francisco de Andrade Arantes**, bel. em Direito pela Academia de S. Paulo, membro do Conselho da Fundação Sinhá Junqueira, procurador fiscal do Estado de S. Paulo.

C.c. Maria Paula Martins de Andrade, sua prima, filha do Coronel André Martins de Andrade e de Rita Porphiria de Andrade, filha esta do Coronel José Esteves de Andrade e de Francisca Carolina Villela de Andrade.<sup>46</sup> Tiveram:

6-1 **André Francisco de Andrade Arantes**+. Por largos anos Presidente da Fundação Sinhá Junqueira. C.c. Maria Luiza (Lizette) Malzoni Scarano+, lindíssima senhora da mais alta sociedade paulistana, filha de Mario Scarano e de Carmela Malzoni Scarano. Deixaram:

**7-1 Maria Luiza Scarano Arantes Rocco**. Membro do Conselho da Fundação Sinhá Junqueira. Casada com o Engenheiro Luciano Rocco.

<sup>46</sup>

Cf. REVISTA ASBRAP n. 1, **Fazendas da Família Junqueira**, p. 52-73.

A Benemerência privada no Estado de S. Paulo

7-2 André Francisco de Andrade Arantes (filho), c.c. Beatriz de Assumpção.

7-3 Maria Teodora Scarano Arantes

7-4 Marcos Paulo Scarano Arantes

7-5 Maria Pia Scarano Arantes

7-6 Maria do Carmo Scarano Arantes

7-7 Mario Scarano Arantes

6-2 Dr. Júlio Geraldo de Andrade Arantes+, Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de S. Paulo. C.c. Maria Alice Gonçalves, uma das mais elegantes senhoras da sociedade paulistana, filha do abastado comerciante Francisco Gonçalves Miranda e de D. Francisca Rodrigues Gonçalves. Tiveram:

7-1 Maria Izabel de Andrade Arantes (Bel), c.c. Renato Diniz Junqueira, filho do Dr. Roberto Diniz Junqueira e de Margarida Junqueira de Almeida Prado. C.g.

Por ocasião do casamento de Bel Arantes e Renato Diniz Junqueira, nos anos 70, o cronista Tavares de Miranda, em sua coluna no jornal *Folha de São Paulo*, deixou consignado: “*O melhor do melhor do melhor do melhor do Velho São Paulo, lotou a Igreja N. S. do Brasil para ouvir o “sim” de Maria Izabel de Andrade Arantes e Renato Diniz Junqueira*”.

7-2 Maria Carolina Gonçalves Arantes, casada, c.g.

6-3 Altino Paulo de Andrade Arantes, faleceu solteiro.

5-2 Maria Stela de Andrade Arantes. C.c. Dr. Paulo Junqueira Uchoa. C.g.

4-3 **Dr. Bráulio de Andrade Junqueira**, c.c. Ermelinda Andrade Junqueira, sua prima, tendo:

5-1 **Bráulio César**, engenheiro na Usina Junqueira, casado com Laura Pamplona, tendo:

6-1 **Bernardo Luiz Rodrigues de Andrade**, Conselheiro e atual Presidente da Diretoria Executiva da Fundação Sinhá Junqueira. Casado, c.g.

3-2 Coronel Bernardo Avelino de Andrade. C.c. Emerenciana Severo Junqueira. C.g., tendo, entre outros:

4-4 **Hermelinda de Andrade Junqueira**, c.c. o Dr. Bráulio Junqueira. C.g.

3-3 João Flauzino de Andrade (Dondico), c.c. sua prima, Ana Francisca Dias (Saninha), filha de João Alexandre Dias e de Francisca da Costa Junqueira, filha esta do Capitão Francisco Antonio da Costa e de Maria Zimilla de Andrade. C.g.

3-4 Martiniano Francisco de Andrade (Tinano), c.c. sua prima, Maria Gabriela Junqueira de Andrade (Cota). C.g.

3-5 Joaquim Martiniano de Andrade, c.c. sua prima, Genoveva Junqueira Franco. C.g.

3-6 Azarias Osias de Andrade<sup>47</sup>, c.c. Maria da Conceição Costa, que Brotero chama de Maria Severo. C.g.

---

<sup>47</sup> Frederico de Barros Brotero diz Azarias Martiniano Junqueira, ob. cit., p. 342. Porém tivemos em mãos, no Museu Histórico Municipal de Franca, a justificação matrimonial deste irmão de D. Sinhá e o nome oficial é Azarias Osias de Andrade, conforme abaixo se transcreve, preservando-se a ortografia original:

*“Justificação matrimonial a favor de Azarias Osias de Andrade e de Maria da Conceição Costa.*

*2º e 3º graus, por consanguinidade.*

*Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e noventa, aos quinze de Abril do mesmo anno, nesta paróquia da Franca, em meu Cartorio (ilegível), a petição seguinte e mais documentos despechados pelo Meritissimo Vigário da Vara, Padre Candido Martins da Silveira Roza; do que, para constar, lavro este termo. Eu, Antonio Gonçalves Damasceno, escrivão interino do Juizo ecclesiastico, o escrevi.*

*“O Escrivam interino.*

*“Ilmo.Revmo.Srñ. Vigario da Vara*

*Dizem os oradores Azarias Osias de Andrade e Maria da Conceição Costa, aquele, filho legitimo de Martiniano Francisco da Costa e de Maria Rita da Costa, com vinte annos de idade, nascido, baptizado e morador nesta cidade Franca, e aquela, filha legitima de Joaquim Severo da Costa e de Hyppolita Placedina Junqueira, com 16 annos de idade, nascida, baptizada e moradora nesta cidade Franca, que, achando-se justos e contratados para se casarem, não o podem conseguir, por consanguinidade, por serem suas mães irmãs, e em 3º grau em linha colateral igual por consanguinidade, pela parte paterna (ilegível), pois, obter dispensa de V. Rma., justificam o seguinte:*

*1º*

*“Que elles, oradores, são os mesmos de quem se trata, filhos dos pais de que nasceram, naturalidade que declaram; acham-se ligados em 2º grau em linha colateral igual, por serem suas mães irmãs, e em 3º grau por consanguinidade em linha colateral igual, pela parte paterna.*

*2º*

*“Que elles, oradores, e seus pais, não são pessoas pobres, que o orador tem a idade vinte annos e a oradora, de dezesseis.*

*3º*

*“Que intentam casar-se por amor e afeição e para bem da familia.*

*Nestes Termos,*

*P.P. a Rvma. Se digne deferir, quanto antes*

*Et orabunt ad Dominum.*

*[...][Depoimentos, extensos, dos nubentes, comprovando as três assertivas supra transcritas]*

3-7 Inácia Carolina de Andrade, c.c. seu primo, Major José de Andrade Diniz Junqueira. C.s.

**3-8 Theolina Zemilla de Andrade**, casou-se, com dezesseis anos, em 1891, na cidade de Franca, com seu primo-irmão **Francisco Maximiano Diniz Junqueira**, que contava vinte e três anos. Fixaram-se em Ribeirão Preto, na Fazenda da Serra. “*Segundo a tradição oral, o casal levava uma vida modesta com muito trabalho e muita economia onde, D. Sinhá, dedicava-se pessoalmente às tarefas caseiras, cozinhando para a turma de camaradas que na fazenda trabalhavam*”<sup>48</sup>. O casal não teve filhos, mas deixaram memória imperecível, através de suas realizações no campo da lavoura, da indústria, das finanças e, principalmente, da benemerência.

3-9 Maria Paula de Andrade Junqueira (Nenê). C.c. seu primo, Coronel **Francisco de Andrade Junqueira** (Nhô Chico), membro do Conselho Deliberativo da Fundação Sinhá Junqueira, filho de Joaquim Firmino de Andrade Junqueira e de Rita Villela de Andrade, já citados. C.g.

...

2-5 José Esteves de Andrade<sup>49</sup>, quinto filho de Maria Zimilla-Capitão Francisco Antonio da Costa. Coronel da Guarda Nacional, um dos fundadores da cidade de S. José da Bela Vista (SP) e da Santa Casa Misericórdia de Franca (SP). Grande proprietário rural, criador de cavalos da raça Mangalarga. C.c. sua prima, Francisca Carolina Villela de Andrade. Tiveram:

3-1 Maria Ozilla de Andrade<sup>50</sup>, n. Franca c. 1865 e + Franca 1961. C.c. Thomaz Monteiro de Lima, filho de Álvaro de Lima Guimarães, agente consular de Portugal na Franca (SP), e de D. Poncianna Purcina Monteiro, de antiga família de Minas Gerais, natural de Candeias. Tiveram:

4-1 Maria Izabel Aparecida de Lima (Filhinha), n. Sacramento (MG) 1894 e + Penapolis 1930. C.c. Salvador Cedeño Galiano, filho de José Cedeño

---

“*Dando-se por findo este depoimento, assigna-o com o Juíz. Eu, Antonio Gonçalves Damasceno, o escrevi.*

*1ª Testemunha – André Convitê, casado (ilegível), morador nesta cidade Franca, com 40 annos de idade.*

*Sabe ler [ segue a qualificação ]*

*2ª Testemunha – Major Manuel Claudiano Ferreira Martins, casado, fazendeiro, com 50 annos de idade, morador nesta cidade Franca, sabe ler [ segue a qualificação ]”*

<sup>48</sup> Cf. Maria Aparecida Junqueira da Veiga Gaeta, A Flor do Café e o Caldo da Cana, cit., p. 35.

<sup>49</sup> Cf. **Fazendas da Família Junqueira**, Revista da ASBRAP n. 1, ps. 52-73.

<sup>50</sup> Brotero diz *Maria Osília de Andrade. C.c. Tomás Lima. Sem geração*. Ob. cit., p. 344. Fica, aqui, corrigido o erro.

Cabello, Cônsul Honorário da Espanha, e de D. María del Carmen Galiano Maldonado. Tiveram:

5-1 Maria da Consolação Cedeño de Lima (Celita), n. Penápolis 1919 + S. Paulo 1974. Exemplar funcionária do Posto de Puericultura de Franca (SP). Solteira.

5-2 Ignez Cedeño de Lima (Ignezita), n. 21-1-1921, em Avanhandava (SP). Professora de Matemática III. Normalista pelo Colégio N.S. do Patrocínio, de Itú. C. em 1957, em Franca, c. Antonio Ubirajara Ribeiro de Barros.

6-1 José Eduardo+, 6-2 José Fernando Cedeño de Barros, 6-3 Maria Inês Cedeño de Barros, c.c. Paulo Brant da Silva Carvalho, filho de Antonio Brant da Silva Carvalho e de Maria Stella Tibiriçá;<sup>51</sup> n.p. do Dr. José da Silva Carvalho (primo-irmão de D. Mathilde Melchert da Fonseca Macedo Soares, por sua mãe, Cândida de Aguiar Melchert)<sup>52</sup> e de D. Luiza Brant de Carvalho, bisneta do 2º Visconde de Barbacena, trineta do Marquês de Barbacena<sup>53</sup>. Têm:

7-1 Juliana, 7-2 Alexandre e 7-3 Paulo Henrique Barros Brant Carvalho

5-3 Maria Carmen Cedeño de Lima (Carmita), n. Miguel Calmon (hoje Avanhandava) a 15-1-1924. Professora de Desenho do Ginásio Rodrigues Alves, em S. Paulo. Exemplar funcionária do 2º Tribunal de Alçada Civil do Estado de S. Paulo, merecendo elogio do Presidente daquela Corte, publicado no Diário Oficial do Estado de S. Paulo, por ocasião de sua aposentadoria.

5-4 Antonio de Pádua Cedeño de Lima, + criança.

3-2 Rita Porphiria de Andrade. C.c. seu primo, Cel. André Martins de Andrade, filho do Coronel Francisco Martins Ferreira da Costa e de Emerenciana Villela de Andrade; n.p. do Coronel André Martins Ferreira da Costa e de Ana Euzébia Carolina Diniz; n.m. de Fernando Villela dos Reis e de Rita

---

<sup>51</sup> Filha do Dr. Irvino Whittlesey Tibiriçá e de Nair Ribeiro de Moraes e Silva. Sobre o Dr. Irvino cf. **SL** vol. 5º, p. 41 e Adenda, vol. 9º, p. 152, item 1-6.

<sup>52</sup> O Dr. José da Silva Carvalho, engenheiro agrônomo pela 1ª Turma da Escola Superior Agrícola Luiz de Queiroz (hoje pertencente à Universidade de S. Paulo), + 1982, era filho do Coronel Bento José de Carvalho, casado em Itú a 16-3-1875 com sua prima Cândida de Aguiar Melchert; n.p. do Comendador Diogo José de Carvalho e de Elisa da Costa Aguiar (**SL**, 3-376); n.m. de Adolfo Júlio de Aguiar Melchert e de Escolástica Joaquina de Campos (**SL**, 3-415).

<sup>53</sup> Cf. a respeito da ascendência de D. Luiza Brant de Carvalho, Frederico de Barros Brotero, in A Família Jordão, S. Paulo, 1948, p. 135.

Porfíria de Assunção, filha esta de Tomé Inácio Botelho e de Emerenciana Constança de Andrade<sup>54</sup>, tendo :

4-1 Genoveva (1890-1978), aluna do Colégio de N.S. de Sion, em S. Paulo c. em 1912 c. Dr. Jonas Deocleciano Ribeiro (1880-1972). C.g.

4-2 José Martins de Andrade, c.c. Maria Antonietta Madureira, filha de Antonio Paes de Madureira e de Maria Rita Conceição, neta do Barão de Serra Negra. S.s.

4-3 Maria Martins de Andrade (Tinóca). C. em 1as. Núpcias com seu primo, João Procópio de Araújo Carvalho Sobrinho e em 2as. Núpcias com Isaac Elias Elbas. S.s.

4-4 Dr. Francisco Martins de Andrade, c.c. Orlandina Junqueira de Oliveira, filha do Coronel Arthur Augusto de Oliveira e de Helena Junqueira Franco, filha esta de João Diniz Junqueira Franco (João da Onça) e de Inácia Junqueira Dias<sup>55</sup>. Tiveram:

5-1 Maria Helena, c.c. o Dr. José Cassio de Macedo Soares Jr., médico, c.g.;

5-2 André, c.c. Sílvia Dias Gomes, c.g.; 5-3 Rita Maria, c.c. Duarte Bahia Ennes, tendo: 6-1 Arthur Augusto de Andrade Ennes, engenheiro naval pela Politécnica de S. Paulo (USP), c.c. Vera Lúcia Gonçalves. Têm: 7-1 Felipe.

4-5 Francisca (Nhazinha), + solteira, exímia pianista, amiga íntima de Guiomar Novaes. As severas tradições de seus pais, impediram-na de seguir a brilhante carreira trilhada pela amiga.

4-6 Júlio + solteiro

4-7 André + solteiro

4-8 Zenaide Martins de Andrade, c.c. Francisco Gonçalves Machado, abastado comerciante em S. Paulo, Provedor da Beneficência Portuguesa e boníssima pessoa. Tiveram:

5-1 Dr. Francisco de Andrade Machado (Frans), advogado da Santa Casa de Misericórdia de S. Paulo. C.c. Maria Luiza (Isa) Pires do Rio Pinho. C.g.

5-2 Lucy de Andrade Machado, exímia fazendeira, cozinheira e bordadeira, antiga aluna do Colégio *Des Oiseaux*, licenciada em História e Geografia pela Faculdade *Sedes Sapientiae*, hoje PUC-SP, poliglota, domina o francês, o inglês e o alemão. C.c. o Dr. Roberto Sampaio de Almeida Prado, fazendeiro, bel. em Direito pela tradicional academia do Largo de S. Francisco (hoje USP), natural de Jaú (SP), filho de Sebastião Sampaio de Almeida Prado e de Deborah Ribeiro de Barros. Têm:

---

<sup>54</sup> Cf. Cid Guimarães, in Ribeiro do Valle, Revista da ASBRAP n. 4, p. 151.

<sup>55</sup> Cf. Frederico de Barros Brotero, ob. cit., ps. 51-52; Adélia Diniz Junqueira Bastos, Lendas e Tradições da Família Junqueira, S. Paulo, Hucitec, 1980, *passim* e o jornal *O Estado de S. Paulo*, edição de 29-12-1940.

6-1 Paulo Sampaio de Almeida Prado, fazendeiro, c.c. Cristina Ancona Lopez, professora de inglês, tendo:

7-1 Deborah e 7-2 João Paulo Ancona de Almeida Prado.

6-2 Maria Cecília de Almeida Prado, viúva do Dr. Mauro Vila Nova. S.s.

6-3 Raul Sampaio de Almeida Prado, zootécnico, c.c. Maria Beatriz Pereira Lima, engenheira agrônoma. Têm:

7-1 Felipe, 7-2 Carolina e 7-3 Fernando Pereira Lima de Almeida Prado.

6-4 Marcus Sampaio de Almeida Prado, médico veterinário, c.c. Rita de Cássia Gidrão, cirurgiã-dentista. Têm: 7-1 Conrado e mais um.

6-5 Rubens Sampaio de Almeida Prado, economista pela Universidade Mackenzie, diretor da revista *Pesca & Companhia*. Foi c.c. Célia Maria Rocha Lima de Almeida, economista, tendo:

7-1 Flávia e 7-2 Marcus Rocha Lima de Almeida Prado.

4-9 Maria Paula Martins de Andrade (Paulita). C.c. o Dr. **Paulo Francisco de Andrade Arantes**, Conselheiro da Fundação Sinhá Junqueira. C. geração já descrita.

...

1-2 **Inácia Constança de Andrade** [Brotero diz Inácia Diniz Junqueira, ob. Cit., p. 349]. Quinta filha do Capitão Mor Francisco Antonio Diniz Junqueira. C.c. seu primo, José Bernardes da Costa Junqueira, já citado. Tiveram, entre outros:

**2-1 Maria Rita da Costa**. C.c. o Tenente-Coronel Martiniano Francisco da Costa. Pais de D. Sinhá Junqueira.

## PARÁGRAFO 2º – Ana Claudina Diniz Junqueira

Terceira filha de Maria Francisca da Encarnação Junqueira e de Gabriel de Souza Diniz. C.c. seu primo paterno, **Alferes Luiz de Souza Diniz**, batizado na Ermida de Nossa Senhora da Ajuda (Três Pontas), filial de Lavras, em 25-9-1785, filho do Tenente Manuel de Souza Diniz, n. em 25-1-1728 e batizado em 28 do mesmo mês, na Freguesia de Santa Maria de Louzado, Termo de Barcelos, Arcebispado de Braga, e de Luzia Maria de Jesus, batizada na Capela de Cajuru, em 31-1-1753, pelo Pe. Manuel Alves, sendo seus padrinhos João Paulo de Oliveira, solteiro, e Ana, esta sem outra indicação senão o fato de ser solteira; n.p. de Manuel de Souza Diniz, da Freguesia de Sta. Maria Madalena do Mosteiro de Santo Tirço, Bispado do Porto, e de Ana de Azevedo, batizada em Louzado em 2-2-1707; n.m. de Bento Rabelo de Carvalho, batizado em 29 de janeiro de 1717, na Freguesia de S. Nicolau, Conselho de Cabeceiras de Basto, Arcebispado de Braga, e de Maria Teresa de Jesus (2º casamento desta), viúva de Inácio Franco<sup>56</sup>. Deste casal descendem quase todos os Junqueiras de Ribeirão Preto. Consta que possuíam trinta mil alqueires de campos

<sup>56</sup> Cf. As Ilhoas, in Revista Genealógica Latina, n. 12, ps. 72-73.

e cerrados, área registrada na paróquia de S. Simão, por Ana Claudina, nos termos da Lei das Terras, em vigor<sup>57</sup>. Tiveram sete filhos, dos quais destacamos o terceiro e a quinta:

**1-3 Tenente-Coronel Francisco Maximiano Diniz Junqueira.** C.c. sua prima, **Mariana Constança de Andrade Junqueira**, falecida em 1903, neta do Capitão Mor Francisco Antonio Diniz Junqueira, Parágrafo 1<sup>o</sup> *supra*.

O casal teve seis filhos, dentre eles, o quarto foi:

...

**2-4 Francisco Maximiano Diniz Junqueira, Coronel Quito Junqueira.** C.c. sua prima, **D. Sinhá Junqueira**. Sem geração.

...

1-5 Ana Osório Diniz Junqueira. C.c. Francisco Alves da Cunha, em 1as. núpcias. C. em 2as. núpcias com Emerenciano Alves da Cunha, seu cunhado. Teve do primeiro casamento quatro filhos, dos quais destacamos:

2-1 Manuel da Cunha Diniz Junqueira. Presidente da Câmara Municipal de Ribeirão Preto. C.c. Maria Emerenciana Junqueira, tendo:

3-1 Maria Junqueira, c.c. Antonio Henriques da Veiga, português, engenheiro, tendo:

4-1 **Antonio Junqueira da Veiga.** N. em 8-12-1888, em Ribeirão Preto. Cursou o Colégio Arquidiocesano de S. Paulo, foi comprador de café e, a partir de 1954, a convite de D. Sinhá, ocupou os cargos de superintendente geral de suas fazendas de café e gado e membro do Conselho Consultivo da Fundação Sinhá Junqueira nas regiões de Ribeirão Preto e Colina. Com a morte de D. Sinhá, passou a ocupar também o cargo de Diretor Deliberativo da Fundação Sinhá Junqueira, cargos esses que só deixou ao falecer, em 6 de fevereiro de 1971. C.c. D. Antonia Ruffo. Tiveram quatro filhas, dentre elas destacamos:

5-1 **Maria Helena Junqueira da Veiga.** N. Ribeirão Preto no dia 31-12-1934, onde reside até hoje. Professora secundária. Membro do Conselho Administrativo da Fundação Sinhá Junqueira desde 1971, tendo exercido as seguintes funções: Diretora de Assistência Social (de 1971 a 1978), Diretora Secretária (1979-85), Diretora Administrativa (1985-88). Presidente da Fundação Sinhá Junqueira (1988-91), sendo reeleita e permanecendo no cargo de 1991 a 1994, quando foi novamente reeleita, exercendo a Presidência da Fundação até 31-4-1997. C.c. Antonio Lúcio Serra, tendo: 6-1 Nicolau Lúcio, casado, c.g., 6-2 Maria Fernanda Junqueira da Veiga Serra, 6-3 Maria Andréia, c.c. Dr. Fernando de Freitas Tavares, filho do Engenheiro Enio Talvio Barbosa Tavares e de Lúcia Junqueira de Freitas, filha esta do Dr.

---

<sup>57</sup> Cf. Maria Aparecida Junqueira da Veiga Gaeta, ob. cit., p. 24.

Otacílio Coutinho de Freitas e de Isabel Monteiro Diniz Junqueira<sup>58</sup>. C.g. 6-4 Maria Eduarda, casada, c.g., 6-5 Antonio Agnello Junqueira da Veiga Serra, casado, c.g.

**1-3– Umbelina Honoria de Andrade.** Segunda filha do Capitão Mor Francisco Antonio Diniz Junqueira. N. em 1822 e c. em Franca em 22 de agosto de 1838 com o Capitão Manoel Custódio Vieira, de Aiuruóca (MG), filho do Capitão Custódio José Vieira, português, de S. Clemente de Sande, casado em 18-11-1795 com Margarida Bernarda da Cunha, do Rio de Janeiro, filha do Coronel Antonio da Cunha de Carvalho e de Bernarda Dutra da Silveira, natural esta da Borda do Campo (Barbacena) + 13-2-1795. Umbelina Honoria faleceu em Franca, a 19 de maio de 1853, pelas cinco horas da manhã.<sup>59</sup> Tiveram, entre outros:

...

2-8 Margarida Umbelina Vieira, oitava filha de Umbelina Honoria de Andrade<sup>60</sup>, n. em Franca, a 22-12-1847 e batizada no dia 31-3-1848, sendo padrinhos José de Andrade Diniz Junqueira e Flauzina Diniz Junqueira. C.c. Manoel Joaquim Ribeiro, n. Santa Rita do Passa Quatro (SP), filho de Inácio Ribeiro do Valle e de Joaquina Cândida de S. Joaquim (prima-irmã do Barão da Franca, por sua mãe, Florianiana Maria das Neves). Tiveram numerosa prole, da qual destacamos:

...

3-3 Maria Umbelina de Andrade Ribeiro, c. em Oratório Particular, em 1883, com seu primo, José Antonio Vieira, filho do Capitão Joaquim Custódio Vieira e de Carolina Cândida Ferreira de Brito, filha esta do Capitão Jacinto Ferreira de Brito e de Escolástica Cassiana Pereira, filha esta, por sua vez, do Capitão Domingos José Pereira do Amaral<sup>61</sup> e de D. Escolástica Teodora de Jesus, batizada em Campanha a 29-3-1761 e c. na mesma localidade em 17-9-1780 com o mencionado Capitão Domingos J.P. do Amaral. D. Escolástica Teodora era filha do 2º casamento de D. Antonia do Espírito Santo Gouvêa com o Capitão Manuel Leite Ferreira, natural de

---

<sup>58</sup> Filha do Coronel Rodrigo Monteiro Diniz Junqueira, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, e de Olímpia Xavier de Andrade Fortes. Cf. Brotero, ob. cit., ps. 209 e 214 e Olympio Meirelles dos Santos, *Esboço Genealógico*, cit., p. 185.

<sup>59</sup> Dados de família, extraídos de apontamentos do próprio punho de Manoel Custódio Vieira e transcritos por seu neto, Victor Deocleciano Ribeiro, em nosso poder.

<sup>60</sup> Frederico de Barros Brotero diz **Umbelina de Andrade Diniz Junqueira**, ob. cit., p. 323.

<sup>61</sup> O Capitão Domingos José Pereira do Amaral era filho do Capitão Manuel Pereira do Amaral e de Ana Maria do Nascimento (2º casamento desta); n.p. de Gonçalo Pereira e de Ana do Amaral; n.m. de Diogo Garcia e de Júlia Maria da Caridade. Cf. carta genealógica oferecida ao autor pelo Dr. José Guimarães, Ouro Fino, 17-3-1985.

Guimarães, Arcebispado de Braga, filho de Francisco Leite Ferreira e de D. Ana Maria Nogueira de Melo. D. Antonia do Espírito Santo era filha do Sargento Mor Manuel Nunes de Gouvêa e de D. Rosa Maria do Prado, natural da Freguesia de N. Senhora da Piedade de Guaratinguetá (hoje Lorena), filha de Antonio da Rocha Leme, natural de Parnaíba, e de D. Antonia do Prado de Quevedo<sup>62</sup>. Tiveram oito filhos, dos quais destacamos:

...

4-3 Judith Ribeiro Vieira, c.c. João Baptista de Barros, serventuário vitalício do Registro Civil de Piracaia (SP), filho de José Carlos Nogueira de Barros e de Maria Augusta Parreira, filha do Coronel Francisco Mariano Parreira<sup>63</sup>, n. Ouro Fino a 8-6-1842, fundador de Vargem Grande do Sul (SP), c.c. de Maria Cândida de Godoy em S. João da Boa Vista (SP) em 7.1.861.

Tiveram seis filhos, dos quais destacamos:

...

5-5 Antonio Ubirajara Ribeiro de Barros, c.c. Ignez Cedeño de Lima, tendo:

6-1 José Eduardo

6-2 José Fernando Cedeño de Barros, n. Ribeirão Preto a 16-12-1959, advogado, professor universitário, Mestre em Direito Processual Civil e Doutorando em Direito Internacional pela Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo (USP), sócio fundador da ASBRAP; sócio fundador e primeiro Presidente da Associação Internacional de Estudos Jurídicos e Econômicos (AIEJE), com representação em São Paulo e Antuérpia (Bélgica)

6-3 Maria Inês, psicóloga, c.c. o Engenheiro Paulo Brant da Silva Carvalho, tendo, todos nascidos na **Maternidade Sinhá Junqueira**, em Ribeirão Preto (SP):

7-1 Juliana Barros Brant Carvalho, n. 15-11-1984, estudante de psicologia na Universidade de São Paulo (USP), em Ribeirão Preto (SP);

7-2 Alexandre Barros Brant Carvalho, n. 06-05-1988, estudante no Conservatório Musical de Ribeirão Preto (SP);

7-3 Paulo Henrique Barros Brant Carvalho, n. 01-04-1990, estudante no Colégio Metodista de Ribeirão Preto (SP).

---

<sup>62</sup> Cf. Pedro Taques, **Nobiliarquia Paulistana**, vol. II, p. 315, 4-5, Silva Leme, **Genealogia Paulistana**, vol. VI, p. 433, 5-5 e José Guimarães, *O Sargento Mor Manuel Nunes de Gouvêa, um povoador do Sul de Minas*, Revista da ASBRAP n. 3, p. 261.

<sup>63</sup> O Coronel Francisco Mariano Parreira era filho do Capitão Mariano Ferreira de Freitas e de Maria Augusta Parreira, descendente esta em linha reta de Pedro de Souza Muniz (**SL**, 9-58) e de Catarina Pimenta de Abreu, filha de Manuel Pimenta de Abreu e de Catarina de Torres, filha esta de Lázaro de Torres e de Maria de Macedo (**SL**, 1° e 9°), bisneta de João Ramalho.

**Título II – ANA CÂNDIDA JUNQUEIRA.** Quinta filha do Patriarca da Família, João Francisco Junqueira. Casada aos 10 de agosto de 1789 com Joaquim Bernardes da Costa, tendo tido inventário processado em Aiuruóca, 2º Ofício, onde constam nove filhos, dos quais destacamos:

**I - José Bernardes da Costa Junqueira.** Requerente da Sesmaria do Barreiro. Casou-se em 1as. núpcias com sua prima, Inácia Diniz Junqueira, filha do Capitão Mor Francisco Antonio, supra citada. Tiveram, entre outros.

1-1 Ana da Costa Junqueira, ou Ana Bernardes Junqueira. Primeira esposa do Tenente-Coronel José Garcia Duarte, **Barão da Franca**. C.g.<sup>64</sup>

**1-3 Maria Rita da Costa**<sup>65</sup>. C.c. seu primo, Martiniano Francisco da Costa, já citado. São os pais de D. Sinha.

### III

#### DISCURSO

Proferido pelo Dr. Altino Arantes em Ribeirão Preto a 21 de janeiro de 1951<sup>66</sup>

*“Ainda desta vez cabe-me a honra, de que muito me desvanece, de ser o intérprete do pensamento de D. Sinhá Junqueira. E faço-o nesta faustosa e grata ocorrência para expressar ao povo de Ribeirão Preto, aqui representado brilhantemente em todas as suas classes sociais, a sua imensa, imorredoura gratidão por esta imponente homenagem com que, generosamente, entendeu de enaltecê-la e distingui-la.*

*“Se a concessão pelo Governo da República do diploma do Mérito Nacional tocou-lhe profundamente a alma – esta festa, a que se associam delegações das cidades vizinhas, fala-lhe ao coração a linguagem que mais eloqüente e mais compreensiva lhe é: a linguagem sincera e comovida das suas mais caras afeições e das suas mais fundas reminiscências.*

*“Afeições de parentes, de amigos, de conterrâneos ou de simples conhecidos; recordações de um passado que é de ontem e que vive e lateja no seu coração, evocando nele, pela saudade que é “a invisível presença dos ausentes”, a vida singela e tranqüila – toda feita de honradez e trabalho – que ela e seu querido esposo, o Cel. Francisco Maximiano Junqueira, levaram na soledade da fazenda da Serra, cooperando com o seu esforço cotidiano para que o infindo marfolho verdejante dos cafezais se estendesse pelas encostas do Baixadão e do Resfriado, e, mais longe, pelas matas virgens do Turvo e do Baguaçu. Se desse trabalho aturado por longos*

<sup>64</sup> Sobre a ascendência e descendência do Barão da Franca, cf. do autor A família Rocha povoadora de Santa Rita do Passa Quatro, Revista da ASBRAP n. 4, ps. 264-5.

<sup>65</sup> Brotero diz Maria Rita da Costa Junqueira, ob. cit., p. 593.

<sup>66</sup> Publicado por Frederico de Barros Brotero, ob. cit., ps. 791-796 e na Revista da Academia Paulista de Letras, n. 52, p. 180.

*anos resultaram vantagens para os municípios de Ribeirão Preto e de Barretos, e, por via de conseqüência, para a grandeza agrícola do Estado, quis a Providência que dele viessem a sobrar os haveres que constituíram a primeira base da fortuna do casal e que, mais tarde, lhe facultaram a aquisição da Fazenda S. Geraldo, a instalação e o desenvolvimento da Usina Junqueira, que é, sem favor, um dos legítimos padrões da riqueza industrial de São Paulo.*

*“O animador, o fautor máximo desses empreendimentos foi (seria injusto esquecê-lo) o Cel. Quito Junqueira, cuja visão e cujo tino administrativo, vencendo dificuldades de toda ordem lograram conduzir a termo feliz a arrojada iniciativa.*

*“Deus abençoou-lhe o labor, a coragem e a constância; e, assim, pode ele legar à sua dedicada companheira de todos os dias e de todas as horas, de boa e de má fortuna, a possibilidade de estar ela hoje realizando as múltiplas obras de assistência social que os ilustres oradores desta assembléia tão eloqüentemetne descreveram e elogiaram.*

*“O Educandário Coronel Quito, que há cerca de oito anos está em pleno funcionamento e por cujos pavilhões e por cujas classes já passaram cerca de 1200 alunos, foi o marco inicial da grande obra de caridade cristã e de solidariedade humana, que vai Ter o seu adequado remate nessa magnífica Maternidade, cujas paredes já se levantaram do solo e que, dentro em breve, será um dos mais belos monumentos desta cidade.*

*“Mas a engenharia científica que planeia e edifica tais monumentos seria impotente para levar a bom termo a sua tarefa, se ao seu lado para animá-la e assistí-la moral e materialmente não estivessem, atentos e prestantes, esses outros engenheiros que um escritor americano contemporâneo chamou de arquitetos de idéias; arquitetos dos quais talvez se pudesse dizer, com Remy de Rougemont, que eles trabalham com a cabeça e pensam com as mãos. Porque com a cabeça, que é inteligência e vontade descobrem as necessidades dos tempos em que vivem e se devotam a minorá-las; e com as mãos, que significam ação e tenacidade, abrem nas terras em que moram, as leivas fundas nas quais lançam e fazem germinar e fazem crescer a sementeira mirífica do Bem, em toda as suas esplêndidas e multiformes florações.*

*Ora, entre esses beneméritos arquitetos de idéias, avulta, por certo, a figura preclara de D. Sinhá Junqueira; - e quem o diz não é a minha palavra que talvez se possa averbar de suspeita, mas a sentença soberana e inapelável desta manifestação que se reveste de imponência e de autoridade de um autêntico plebiscito.*

*Plebiscito espontâneo e majestoso que, bem longe de envaidecê-la ou marcar-lhe uma pausa às atividades beneficentes, lhe reaviva e lhe redobra no espírito a ânsia de procurar, nas lições sublimes do Evangelho que ela bem conhece e sabe praticar, as verdades eternas que dão à vida o seu sentido e a sua grandeza; por isso que nos demonstram que todo egoísmo é estéril e nos encarecem a necessidade de nos aproximarmos cada vez mais da nossa família, da nossa gente e, sobretudo, das classes proletárias – desse inumerável povo de humildes, pequeninos e de desvalidos.*

*A sugestiva palavra de compaixão – misereor super turbas – com que o Cristo desvendou aos olhos de seus discípulos de todos os tempos, a sua incoercível predileção pelos desabrigados, pelos famintos e pelos enfermos, nunca como hoje foi tão oportuna e tão necessária.*

*Nessa fórmula tão simples quanto tocante encontra-se, por certo, o segredo da melhor solução para um dos mais temerosos problemas que se antepõem à sociedade coeva, barrando-lhe o caminho, ameaçando-lhe as instituições e sacudindo-lhe os fundamentos.*

*A verdade, com efeito, é que, se todos os cristãos de nome o fossem também de espírito e de fato, não pesaria sobre a humanidade, afogando-lhe o cérebro e paralisando-lhe o braço como irremovível armadura de chumbo, a lancinante, pavorosa angústia das questões sociais.*

*O erro provém da ignorância, do menoscabo, ou do esquecimento das sagradas letras; pois que nestas categoricamente se prescrevem o amor do Criador e a caridade fraterno entre as criaturas. E nessa dupla corrente de afetos está consubstanciada toda a teoria e toda a ética do cristianismo.*

*Nem seria descabido lembrar aqui uma coincidência estranha, impressionante, quase diria, providencial. Na língua aramaica, nesse idioma áspero mas preciso em que falou e ensinou Jesus, os conceitos da esmola e da justiça são de tal forma equivalentes, tão perfeita é a sinonímia entre eles, tão íntima é a simbiose que os enlaça que uns e outros se exprimem por um só e idêntico vocábulo: Sédaka.*

*De sorte que tanto faz esmola o magistrado que, por dever de ofício, condena o criminoso, absolve o inocente, proclama o direito contestado ou ofendido; como faz justiça o rico que, por bondade ou preceito de religião ampara o órfão, veste o nu, alimenta o faminto, abriga e cura o doente.*

*A Assistência carinhosa e solícita; o conselho amistoso e prudente; o socorro material conveniente e até mesmo a admoestação grave e comedida – toda feita de brandura e de bem querer – são outras tantas formas dessa diuturna e eficiente obra de cooperação social, que Faber atiladamente chamou de “Justiça amável”. Sim, explica ele, porquanto a outra justiça, essa que, por imposição legal, desconhece a bondade e o perdão para só aplicar o texto inflexível dos Códigos – é, de sua natureza, sempre austera e rigorosa, não raro ríspida, quase desumana...*

*Muito maior foi sempre, entretanto, o número de almas convertidas pela benevolência e pela cordura do que pela ciência dos mestres, pelo sermão dos pregadores ou pela punição dos juízes e dos tribunais.*

*Não nos arreceiemos, pois, de ser os arautos e os praticantes dessas doutrinas, velhas de vinte séculos, mas hoje, muito mais que outrora, flamantes de novidade; por isso elas são imutáveis e sempiternas como o próprio Deus que, primeiro, as ensinou.*

*Não hesitemos em abandonar por alguns instantes ao menos, a “torre de Marfim” onde, preguiçosas e displicentes, se encastelam a nossa Sabedoria e a nossa Abundância, para descermos ao duro terreiro onde a plebe trabalha, sofre e*

*clama. Levaremos então aos indigentes de pão e de lar, aos oprimidos, aos espoliados, aos sofrendores de todo o gênero, com o óbulo da caridade, o verbo altíssimo da Fé e de Esperança que, para sempre, os há de libertar das ideologias falaciosas e dos extremismos subversores.*

*Quando os ricos (repitamos ainda uma vez a palavra de Gil Robles) quando os ricos se resolverem a ser um pouco menos ricos, para que os pobres, a seu turno, se tornem menos pobres; quando a verdadeira “justiça social” conseguir instaurar e preservar, em sua plenitude, os direitos da pessoa humana, - o comunismo que tanto nos preocupa e apavora, terá perdido a sua arena predileta de ação, e o pre-gão sugestivo de suas reivindicações esvanecerá no silêncio ou morrerá no deserto.*

*Então, o cárcere, o exílio, a dissolução dos partidos ou a cassação dos mandatos se apresentarão aos nossos olhos no seu odioso aspecto de meros instrumentos de força – absolutamente ineficazes para subjugar o pensamento e escravizar os espíritos, para abafar a propaganda e impedir o proselitismo. E ainda neste lance decisivo, a nossa Fé terá sido a nossa vitória.*

*Que tudo isto é verdade – confirma-o o brilhante jornalista Assis Chateaubriand, quando, ao falar na Usina Junqueira no próprio dia em que D. Sinhá Junqueira assinava a escritura de sua grande fundação, não trepidou em declarar que ela, naquele momento e naquele gesto inédito de clarividência e de generosidade estava ajudando a realizar em nossa Pátria uma salutar e gloriosa revolução social... Revolução incruenta e pacífica, em cujo desfecho os vencidos aplaudem e premeiam os vencedores; e os vencedores coroam de louros os vencidos.*

*Revolução benfazeja e construtiva, cujo objetivo, quando integralmente atingido, virá consagrar e proclamar a preeminência eterna dos valores morais sobre as forças e sobre os bens materiais que confinam os horizontes humanos nos limites por demais estreitos da vida meramente temporal.*

*Quando o homem, cômico de que o aperfeiçoamento é a lei do seu próprio ser, observa atentamente aluta bravia que setrava em torno d si memso entre as forças econômicas e as espirituais; para logo se convence de que, nessa árdua e impiedosa peleja, ele pode atuar como cooperador de Deus, pugnando pela melhoria e pela progressiva ascensão da humanidade para melhores e mais elevados destinos.*

*E então a sua existência se transfigura, se enobrece e se exalta. As frivolidades do mundo, as suas festas, as suas galas e os seus ouropéis; as suas vaidades e as suas intrigas; os seus contra-tempos, os seus embustes e as suas misérias; os alquimes da fama, da riqueza ou do poder; todas essas mesquinhas realidades cotidianas fogem espavoridas e desaparecem inanes, como nuvens errantes que o sol esgarça e o vento varre. E todas as horas e todos os instantes da vida; todos os embates, todas as contrariedades e todas as provações se revestem, como por encanto, de uma beleza e de um fascínio irresistíveis.*

*Alegre e fecunda, intensa e magnífica apesar de suas fadigas e das suas lutas, a existência parece-lhe, como a Disraeli, “muito curta para ser mesquinha”. E*

*o tempo afigura-se-lhe também, como a S. Francisco Xavier “demasiado fugaz para a longa tarefa a realizar”.*

*E os bons trabalhadores, esses tais “arquitetos de idéias” assim estimulados e retemperados, não se conformariam em abandonar a sua faina ao cabo de trabalhosa jornada, se a inspiração do alto, misteriosa e persuasiva a segredar-lhes no fundo da consciência, lhes não afixasse a certeza e indicasse os meios para que as obras encetadas e porventura ainda inacabadas se completassem e perdurassem, depois de sua morte, pelos tempos a fora.*

*Somente eles se podem proclamar os vitoriosos da terra e os eleitos do céu, porque somente eles, ao exemplo de D. Sinhá Junqueira, sabem viver a vida verdadeira, que consiste em bem servir ao próximo para melhor servir a Deus. Duplo preceito de um só mandamento. Mandamento supremo no qual segundo a palavra infalível, se resume a lei universal: In his duobus mandatis universa lex pendet.*

*Amar as criaturas para amar ao Criador. Serviço social ao serviço divino. Verso e reverso da mesma medalha. Duas conchas-ouro e fio da mesma balança.*

*E por que não pronunciá-lo desde já? Dois forais para a benemerência no presente. Duas asas para a imortalidade no futuro...*

*Porque em verdade, Exmas. Senhoras e meus Senhores, nunca alguém passou sob arcos triunfais mais gloriosos do que aqueles que, como acontece a D. Sinhá Junqueira neste comício, estão sendo recebidos no amplexo do povo e aclamados pelas bênçãos dos infelizes e dos pobres.*

*Por tudo isso que vale pela maior das recompensas, que importa na mais ilustre das apoteoses, ela vos apresenta a todos o tributo de seu perene reconhecimento, de sua irrestrita dedicação”.*

#### IV

#### **TESTAMENTO DE D. MATHILDE MELCHERT DA FONSECA DE MACEDO SOARES**

“Poder Judiciário [à margem, braço do Estado de S. Paulo]

Forum João Mendes Junior

São Paulo

Cartório do Sétimo Ofício da Família de das Sucessões

Escrivã int.: Angelina Moraes Sattin

Angelina Moraes Sattin, Escrivã do Cartório do Sétimo Ofício da família e das Sucessões desta Comarca da Capital do Estado de São Paulo e etc. [à margem, rubrica]

CERTIFICA, em virtude de pedido verbal de pessoa interessada o seguinte:  
- - Primeiro: - que, por este Cartório do 7º Ofício – Juízo de Direito da Quarta Vara da Família e das Sucessões da Comarca de São Paulo, se processaram regularmente

os termos do testamento cerrado com que faleceu Da. MATHILDE MELCHERT DA FONSECA DE MACEDO SOARES; Segundo: - que a testadora faleceu no dia sete (7) de setembro de mil novecentos e sessenta e três (1963), na cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara; Terceiro: - que o testamento foi apresentado aos dezoito (18) de setembro de mil novecentos e sessenta e três (1963) pelo Dr. JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, brasileiro, viúvo, Embaixador, residente e domiciliado nesta Capital à rua São Luiz, n. 234; Quarto: - que sobre o referido testamento foi ouvido o doutor CURADOR DE RESÍDUOS, que nada lhe opôs, como se vê às fls. 8 e verso, dos autos; Quinto: - que foi nomeado testamenteiro o DR. JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES que em data de oito de novembro de mil novecentos e sessenta e três, representado por seu bastante procurador o dr. JOSÉ CARLOS DE ATALIBA NOGUEIRA, brasileiro, advogado, prestou o competente compromisso para o exercício do cargo; Sexto: - que por sentença de dezessete (17) de outubro de mil novecentos e sessenta e três (1963), proferida pelo Meritíssimo Juiz de Direito em exercício, Dr. PASCHOAL MILTON COCCARO, foi mandado cumprir o aludido testamento; Sétimo: - que o já referido testamento é o do teor seguinte: *“Testamento de Mathilde Melchert da Fonseca de Macedo Soares, feito e assinado do seu próprio punho. – Sou natural da Capital do Estado de São Paulo, onde nasci no dia 1º de agosto de 1893.- Sou filha legítima do Dr. José Manoel da Fonseca Junior e de Dona Escolastica Melchert da Fonseca, já falecidos. – Sou católica apostólica romana, e nessa fé espero morrer munida dos santos sacramentos da Igreja. Sou casada no regime de comunhão de bens, com o dr. José Carlos de Macedo Soares, do nosso casal não houve filhos. Expresso neste testamento as minhas últimas vontades e espero que o meu testamenteiro possa cumprí-las como desejo. No limite da vontade de dispor dos bens do nosso casal, lego ao [meu] marido José Carlos de Macedo Soares, os apartamentos 801, 802 e 803, que formam o apartamento 801 onde residimos. Este apartamento está situado no Edifício Colombo, à Praia do Flamengo 2 no Rio de Janeiro. – Lego à minha sobrinha e afilhada Lucia Maria de Macedo Soares Moura Brasil do Amaral 1.000 (mil) ações da Companhia São Paulo de Seguros de Vida e mais o apartamento 804, situado no oitavo andar do Edifício Columbia, à Praia do Flamengo 2, no Rio de Janeiro. Este apartamento será gravado com as cláusulas de inalienabilidade e impenhorabilidade, pertencendo só a ela, a renda do apartamento, não se comunicando aos bens do marido, caso venha a casar-se, podendo dispor da renda como entender. Se ela tiver filhos o apartamento passará sem cláusula nenhuma para os filhos, mas mesmo tendo filhos, enquanto ela viver será só dela a renda do apartamento. Se morrer sem descendentes, poderá deixar em testamento a quem quiser, ou a obra benedictina que quiser. – Deixo à minha sobrinha neta Maria Celina de Macedo Soares Moura Brasil do Amaral, mil ações da Companhia São Paulo de Seguros de Vida e mais o apartamento 1003 sito no edifício columbia à Praia do Flamengo 2 no Rio de Janeiro. Este apartamento será gravado com as cláusulas de inalienabilidade e impenhorabilidade, pertencendo só a ela a renda do apartamento, não se comunicando aos bens do marido, caso venha a casar-se. Se tiver filhos o apartamento passará sem cláusula nenhuma aos*

*filhos, mas mesmo tendo filhos, enquanto ela viver, a renda do apartamento será só dela. Se morrer sem descendentes poderá deixar o apartamento a quem quiser, ou à obra que quiser beneficiar. – Deixo a minha parte nos apartamentos 701 e 702 situados no quinto andar, sétimo pavimento do Edifício “Louvre”, no pavilhão “Leonardo da Vinci”(sic) do Condomínio “Louvre”, à rua de S. Luiz, 210, S. Paulo, ao meu marido José Carlos de Macedo Soares. A casa situada na Avenida Macedo Soares 437 em Campos do Jordão, deixo à minha sobrinha Lucia de Macedo Soares, bem como quinhentas ações da Companhia São Paulo de Seguros de Vida. A casa de pedra de Santo Antonio, situada à rua Montevideo, hoje Padre Germain, 374, no Quarteirão Suíço, em Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, com tudo que tem dentro da casa, móveis, etc, à minha sobrinha e afilhada Lucia Maria de Macedo Soares Moura Brasil do Amaral. O apartamento 211 do Edifício condomínio Dr. Francisco Fozzi, em Águas de Lindóia, no Estado de S. Paulo, à minha sobrinha Lucia Maria de Macedo Soares Moura Brasil do Amaral. Lego ao Carmelo de São José, em Jundiá, no Estado de S. Paulo, cuja caixa postal é número 16, duzentos mil cruzeiros, que peço ao meu testamenteiro aplicar na compra de ações ao **portador** da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. As cautelas dessas ações **deverão ser entregues diretamente pessoalmente** às carmelitas do Carmelo de S. José de Jundiá, onde deverão ficar guardadas. Procurar falar nesse Carmelo com a Piora Madre Teresa do Menino Jesus, ou com a Madre Inês, ou com quem as suas vezes fizer. – Lego cento e cinqüenta mil cruzeiros, que peço ao meu testamenteiro aplicar na compra de ações ao **portador** da Companhia Paulista de Estradas de Ferro que lego ao Carmelo de Pouso Alegre, Sul do Estado de Minas Geraes. As **cauteladas dessas ações** deverão ser entregues **diretamente pessoalmente** ao Carmelo da Sagrada Família de Pouso Alegre onde deverão ficar guardadas. Falar nesse Carmelo com a Piora Madre Maria da Imaculada ou com a Madre Maria Stella da Eucaristia. No caso do falecimento ou do impedimento dessas religiosas falar com quem as suas vezes fizer. A caixa postal deste Carmelo é número 171. Lego às Irmãs Concepcionistas franciscanas do Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês (Conventinho) de Itú, no Estado de S. Paulo, cuja caixa postal é número 172, cem mil cruzeiros, que peço ao meu testamenteiro aplicar na compra de ações ao **portador** da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Peço entregar às **cauteladas das ações, diretamente pessoalmente** à Madre Abadessa do Mosteiro Madre Maria Gema de Cristo Rei, para serem guardadas no Mosteiro. Falar com a Madre Gema pessoalmente, no caso de seu falecimento ou de seu impedimento, falar com quem as suas vezes fizer. Lego vinte mil cruzeiros ao Carmelo de Santa Teresinha do Menino Jesus, de Aparecida do Norte, no Estado de S. Paulo. Falar com a Madre Piora Madre Raymunda dos Anjos ou com a Madre Regino, digo, Madre Maria Regina, Madre Maria Cecília, Madre Maria da Imaculada ou com a Madre Rosa de Santa Teresinha, ou com quem as suas vezes fizer no caso do falecimento ou do impedimento dessas religiosas. Lego dez mil cruzeiros ao Mosteiro de Santa Maria das religiosas beneditinas à rua S. Carlos do Pinhal, 425, em S. Paulo. Falar com a Irmã Maria Beatriz Rondon Amarante, ou com quem as suas vezes fizer. Lego dez mil cruzeiros ao Carmelo de S.*

*José dos Pasos, no Estado de Minas Gerais. Falar lá com a Irmã Maria Nazaré do Menino Jesus ou com quem as suas vezes fizer. Lego vinte mil cruzeiros ao Convento da Companhia da SS. Virgem, sito à rua Ipiranga, 55, em Petrópolis. Falar com a Madre Inês dos Anjos ou Madre Madalena de Cristo ou quem as suas vezes fizer. Lego vinte mil cruzeiros ao Convento dos Sagrados Corações das irmãs norbertinas. Falar com a Madre Gabriela Piora ou com as irmãs Agatha ou Regina ou quem as suas vezes fizer. Lego dez mil cruzeiros ao Carmelo de Marília, no Estado de S. Paulo, falar com a Piora Madre Ângela da Cruz ou quem as suas vezes fizer. Lego cinqüenta mil cruzeiros à bolsa sacerdotal Padre Leonel Franco (sic). Esta bolsa é da Companhia de Jesus. Falar com o Padre Flávio da Veiga ou com quem as suas vezes fizer. Lego cinqüenta mil cruzeiros à Obra das Vocações Sacerdotais de Brasília. Lego trinta mil cruzeiros para a Obra das Vocações Sacerdotais do Rio de Janeiro, ou em dinheiro ou em ações da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Falar com o diretor da Obra das Vocações Sacerdotais do Rio de Janeiro. Com referência à bolsa sacerdotal Padre Leonel Franco (sic), o padre Flávio da Veiga deve estar no colégio Santo Inácio, na rua S. Clemente ou no Seminário Aluisianium na rua Bambina, 115, no Rio de Janeiro. Lego trinta mil cruzeiros à Obra das Vocações Sacerdotais de S. Paulo, em dinheiro ou em ações da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Falar com o Bispo Dom Vicente Zone ou com quem as suas vezes fizer. Lego vinte mil cruzeiros, para a obra das Vocações Sacerdotais de Petrópolis. Lego vinte mil cruzeiros para a Obra das Vocações Sacerdotais de Nova Friburgo. Lego vinte mil cruzeiros para o Pavilhão Cura D'Arce, do Sanatório Maria Imaculada de S. José dos Campos. Lego vinte mil cruzeiros para as Vocações Sacramentinas, com sede no Santuário do Coração Eucarístico de Jesus, na Matriz de Sant'Ana, no Rio de Janeiro. Lego dez mil cruzeiros para as Servas do S.S. Sacramento na rua Barão de Iguape, em S. Paulo. Lego vinte mil cruzeiros para a Igreja Matriz da Consolação em S. Paulo. Lego vinte mil cruzeiros para o Hospital dos Cancerosos de S. Paulo, dirigido pelo Dr. Prudente de Moraes e Dona Carmen Anes Dias Prudente de Moraes. Lego vinte mil cruzeiros para o Seminário dos Padres Assuncionistas de Eugenópolis, Minas Gerais. Falar com o Padre Timóteo ou com o Reitor ou com o Superior dos Padres Assuncionistas da Igreja da S.S. Trindade no Rio de Janeiro, à rua Senador Vergueiro, 141. Para a matriz de santa Teresinha, da rua Maranhão, em S. Paulo, deixo dez mil cruzeiros. Falar com o Padre Mathias, à rua Voluntários da Pátria, em Sant'Ana, S. Paulo. Para a Basílica de santa Teresinha do Menino Jesus, à Rua Mary de Barros, no Rio de Janeiro, deixo dez mil cruzeiros. Para a Escola Apostólica dos Padres Carmelitas de S. Roque, do Estado de S. Paulo, deixo dez mil cruzeiros. Para o Mosteiro passionista de Santa Gema Galgani, na rua Lisboa, nos Pinheiros, em S. Paulo, lego dez mil cruzeiros. Para o Noviciado do Rio de Janeiro, deixo vinte mil cruzeiros. Para o Carmelo da S.S. Trindade, em Corrêas (Petrópolis). Deixo vinte mil cruzeiros para o Mosteiro de Santa Maria da Visitação em Niterói. Deixo dez mil cruzeiros para o Convento de Santa Clara das Irmãs franciscanas concepcionistas de Sorocaba, Estado de S. Paulo. Deixo dez mil cruzeiros para o Convento de Santa Clara das*

*pobres clarissas de Belo Horizonte. Deixo dez mil cruzeiros para as Irmãzinhas dos pobres (petites soeurs des jeunes) da rua do Ouro, Tatuapé, em S. Paulo. Deixo vinte mil cruzeiros para o Carmelo das Águas da Prata, Estado de S. Paulo, falar com a Priora Madre Maria de Jesus ou com a Madre Maria de Fátima ou com quem as suas vezes fizer. Deixo vinte mil cruzeiros para o Convento das Carmelitas Servas dos Pobres, da Madre Maria Teresa do Espírito Santo, fundadora e Superiora Geral da Congregação, da rua do Corcovado (Corcovado), 90 ou 190, no Rio de Janeiro. Deixo vinte mil cruzeiros para o Convento das religiosas redentoristas da Madre Maria Leticia, Rua Padre Odorico 8 ou 80, bairro da Prata, Belo Horizonte. Deixo dez mil cruzeiros para o Orfanato Sagrada Família de Campos do Jordão, de Dona Jeny Pinto de Sampaio. Peço mandar celebrar mil missas pelo repouso de minha alma e mais mil missas pelo repouso da alma do José Carlos. O remanescente da minha meação deixo ao meu marido José Carlos de Macedo Soares, a quem peço cumprir estes meus desejos e mais alguns desejos meus, que deixarei em carta separada, indicados. Termino este testamento, pedindo desculpas aos meus testamenteiros pelo trabalho que vão ter em executar estas minhas últimas vontades. Nomeio meus testamenteiros em primeiro lugar o meu marido, José Carlos de Macedo Soares, no seu impedimento o Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira, no seu impedimento o Dr. José Barbosa de Almeida, no seu impedimento meu cunhado José Cassio de Macedo Soares e no seu impedimento meu sobriho José Eduardo de Macedo Soares Sobrinho. – Deixo um legado de cinqüenta mil cruzeiros para a Obra das Vocações Sacerdotais de Campinas, no Estado de S. Paulo, e um legado de cinqüenta mil cruzeiros para a Casa de Repouso das Irmãs Vicentinas (da Irmã Maria Celeste), em Campos do Jordão, no Estado de S. Paulo. – Em tempo: todos os legados acima indicados de menos de cinqüenta mil cruzeiros, ficam elevados a cinqüenta mil cruzeiros cada legado. E, por esta forma tenho concluído este meu testamento escrito de próprio punho, pelo qual revogo qualquer outro anterior, pedindo às justiças que o cumpram e façam cumprir como nele se contém e declara. Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1960. (a) Mathilde Melchert da Fonseca de Macedo Soares (...)*

---

V

#### **OS DESCENDENTES DO EMBAIXADOR JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES<sup>67</sup>**

José Carlos de Macedo Soares, recebeu em legado o remanescente dos bens de D. Mathilde. Falecendo em 1968, de uma operação mal sucedida, quando se encontrava em serviço diplomático, na Holanda, habilitaram-se, por sua vez, à fortuna de D. Mathilde, seus irmãos e sobrinhos, representando o Espólio do Embaixador (cujo inventário se processou também no 7º Ofício da Família e das Sucessões, Proc. n. 402/68):

---

<sup>67</sup> Nos termos do formal partilha expedido nos autos do Inventário de D. Mathilde Melchert da Fonseca de Macedo Soares (Proc. n. 730/63, 7ª Vara da Família e das Sucessões da Capital de S. Paulo).

I – **EUDÓXIA DE MACEDO SOARES**. C.c. seu primo, Alexandre de Macedo Soares.

1-1 Lucia de Macedo Soares, + 2-5-1994, foi c.c. o General Oswaldo Moura Brasil do Amaral, filho de Tobias Corrêa do Amaral e de Maria The-reza Moura Brasil do Amaral. Tiveram:

2-1 Lucia Maria de Macedo Soares Moura Brasil do Amaral, n. na Rua Ba-rão de Itapagipe, n. 167, Rio de Janeiro, a 21-5-1938. Casada, com geração.

2-2 Maria Celina de Macedo Soares Moura Brasil do Amaral, n. na Mater-nidade Arnaldo de Moraes, Rio de Janeiro, no dia 8-5-1943, c.c. o Dr. Ri-cardo Cavalcanti de Albuquerque. C.g.

1-2 José de Macedo Soares

II – **JOSÉ CÁSSIO DE MACEDO SOARES**, médico, + 17-5-1963, em S. Paulo. C.c. Maria do Carmo de Souza Queiroz Platt, filha de Guilherme Bonamy Platt e de Isabel Brotero de Souza Queiroz (Belá); n.p. de Guilherme Platt e de Maria Isabel Vergueiro Bonamy. Guilherme Platt era filho de William Platt e de Luísa Angélica de Carvalho. Maria Isabel Vergueiro Bonamy era filha do Coronel Peter Bonamy, casado no Rio de Janeiro em 1835 com Maria do Carmo Vergueiro, filha do Senador Dr. Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Isabel Brotero de Souza Queiroz era filha do dr. Nicolau de Souza Queiroz (filho dos Barões de Souza Queiroz) e de Isabel Dabney de Avelar Brotero, filha do Conselheiro José Maria de Avelar Brotero, pri-meiro Diretor da velha Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco, e de Nancy Dabney.<sup>68</sup>

1-1 Maria Izabel Platt de Macedo Soares (Belá), c.c. o Dr. José Pedro Linnêo Leite Cordeiro+, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, médico.

2-1 Dr. Linnêo de Macedo Soares Leite Cordeiro+, médico, c.c. Maria Lui-sa Malheiros, filha do Dr. Lauro Malheiros e de Angélica Camila Valente Malheiros. C.g.

1-2 José Eduardo de Macedo Soares Sobrinho+, advogado, c.c. Teresa Maria de Alcântara Machado, filha do Dr. José de Alcantara Machado de Oliveira e de Maria Emília de Castilho Machado. C.g.

1-3 José Cássio de Macedo Soares Jr., médico. + C.c. Maria Helena Martins de Andrade, filha do Dr. Francisco Martins de Andrade e de Orlandina Junqueira de Oliveira; n.p. do Coronel André Martins de Andrade e de Rita Porphiria de Andrade, filha esta do Coronel José Esteves de Andrade (tio paterno de D. Sinhá Junqueira e tio materno de Quito Junqueira).<sup>69</sup> C.g.

<sup>68</sup> Cf. mais extensamente, Frederico de Barros Brotero, Memórias e Tradições da Família Junqueira, ob. cit., ps. 33-35 e 225, e Dr. Julião Rangel de Macedo Soares, Nobiliarquia Fluminense, 2º volume, p. 299.

<sup>69</sup> Brotero, ob. cit., ps. 344-45.

1-4 Maria do Carmo de Macedo Soares (Mita) C.c. o Dr. Marcos Ribeiro do Valle+, médico, filho do Dr. Manoel Joaquim Ribeiro do Valle e de Lavínia de Lacerda Soares; neto paterno do Dr. Joaquim Augusto Ribeiro do Valle, Conde Ribeiro do Valle, e de Genoveva Amália Meirelles Junqueira, Condessa Ribeiro do Valle, filha esta de Luiz Antonio Diniz Junqueira e de Blandina Herculana de Souza Meirelles. C.g.

1-5 Maria Silvia de Macedo Soares+ C. em S. Paulo, a 18-01-1944, c. o Dr. Antonio Varella Junqueira de Almeida, médico, profundo conhecedor da história e da genealogia de sua família e da de sua esposa, n. em S. Paulo a 16-3-1919, filho de Cristovão Junqueira de Almeida e de Carlota Luísa Varela de Almeida; n.p. de Elisa Teixeira Junqueira, agricultora, Fazenda Estrela (700 alqueires de terra e 175.000 pés de café em 1938) e de seu 1º marido, Dr. José Elias Vaz de Almeida. C.g.

1-6 Maria Irene de Macedo Soares+ C.c. o Dr. Roberto Moreira Lima, médico, abastados proprietários em S. Paulo.

Tiveram: 2-1 (único) José Guilherme Moreira Lima

1-7 Mathilde Maria de Macedo Soares C.c. o dr. Paulo Emilio Lacerda Pinto, médico+. C.g.

**III – JOSÉ EDUARDO DE MACEDO SOARES.** N. 4-9-1882, na Freguesia de Cordeiros, Município de S. Gonçalo, Província do Rio de Janeiro. Teve vida aventureira desde muito jovem, quando, aluno da Escola Naval, escreveu *Política versus Marinha*, recebendo ordem de prisão. Foi defendido por Ruy Barbosa. Jornalista, fundou o *Diário Carioca*, tendo recebido diversas condecorações e foi eleito Senador da República.+ 11-5-1967, em S. Paulo. Foi acionista da antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro. C. em Paris, a 2-12-1908, c. Adélia Costallat, n. no Rio de Janeiro em 8-2-1888 e + 10-6-1942, em Petrópolis, filha do Marechal Dr. José Alípio de Macedo da Fontoura Costallat, engenheiro militar, professor e diretor do Colégio Militar, e de Maria Elvira Torres de Carvalho (Marieta), nascida esta em 15-11-186? e +1911; n.p. de João Baptista Augusto Costallat e de Maria Atanásia Macedo da Fontoura; n.m. do General José Dias Delgado de Carvalho e de D. Maria Carlota de Azevedo Torres, n. 7-9-1834 e + 29-12-1892, filha do **Visconde (com grandeza) de Itaboraí**, Joaquim José Rodrigues Torres, n. a 13-12-1802, em Porto das Caixas (Itaboraí, Estado do Rio) e + 8-1-1872, no Rio, e de D. Maria Álvares de Azevedo Macedo + 13-5-1877, em Saquarema. O Visconde foi deputado, senador e Ministro de Estado dez vezes<sup>70</sup>. Tiveram:

1-1 Maria Carlota Costallat de Macedo Soares (Lóta), n. 16-3-1910, em Paris, e + 25-9-1967, em N. York. Solteira. Amiga de Carlos Lacerda, foi a responsável pela criação e início das obras do Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro. Foi nomeada em 20-1-1961, **sem ônus para o Estado**, assessora do Departamento de Parques, da Secretaria Geral de Viação e Obras e da Superintendência de Urbani-

<sup>70</sup>

Cf. *Anuário Genealógico Brasileiro* vol. IX, 1947, p. 182.

zação e Saneamento (Sursan) e, especialmente, para estudar a urbanização das áreas decorrentes do aterro do Flamengo e Botafogo e, em 28-10-1965, Diretora Executiva da Fundação Parque do Flamengo. Aluna de pintura na Universidade do Distrito Federal, em 1935, manteve, por muitos anos, em Petrópolis e no Rio de Janeiro, verdadeiros salões culturais pelos quais passaram, entre outros, Cândido Portinari, Burle Marx, Mario de Andrade, Carlos Lacerda, Sérgio Bernardes, entre os brasileiros, e Aldous Huxley, Richard Kelly (responsável pelo projeto de iluminação do Parque do Flamengo), a pintora Mary Morse, as escritoras Marianne Moore e Elizabeth Bishop, entre os estrangeiros.

1-2 Maria Elvira de Macedo Soares (Marieta), n. Paris em 2-11-1911 e + Ribeirão Preto em 1994. C. a 1ª vez a 9-12-1933, em S. Paulo, com Antonio Micheli de Paula Leite, + 6-7-1938 em S. Paulo, filho de Ataliba de Paula Leite de Barros e de D. Maria Julia de Carvalho. Pais de:

2-1 José Eduardo de Paula Leite, + criança.

2-2 Dr. Antonio Eduardo de Macedo Soares de Paula Leite, advogado, professor universitário e fiscal de rendas em Ribeirão Preto. Casado com Léa Trindade.C.g.

Maria Elvira, em 2as. Núpcias, c.c. o Arquiteto Flávio Régis Bittencourt, divorciados. C.g.

D. Marieta, educada, inicialmente, em Paris, manteve, quase até o fim de sua vida, brilhantes salões em suas residências, no Rio de Janeiro e em Petrópolis, tendo como amigos, entre outros, o pintor Fernand Léger, o financista Rockfeller, os príncipes de Orléans e Bragança (do ramo de Petrópolis) etc.

**IV – EMBAIXADOR JOSÉ ROBERTO DE MACEDO SOARES.** Teve, que descobrimos:

1-1 Roberta de Macedo Soares Paiva

1-2 José Eugênio de Macedo Soares

1-3 José Augusto de Macedo Soares, c.c. uma senhora da família Castelo Branco, tendo:

2-1 Ministro José Antonio de Castelo-Branco de Macedo-Soares, diplomata, Chefe de Gabinete do Ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampréia. Casado.

2-2 Dr. José Roberto de Castelo-Branco de Macedo-Soares, Procurador do Município do Rio de Janeiro. Casado, c.g.

2-3 Dr. José Luiz de Castelo-Branco de Macedo-Soares, funcionário da EMBRATEL, no Rio de Janeiro.

**V – JOSÉ FERNANDO DE MACEDO SOARES.** Casado com Marion de Macedo Soares, com numerosa descendência.

**VI – EPONINA DE MACEDO SOARES,** casada com um primo, José Armando Affonseca. C.g.

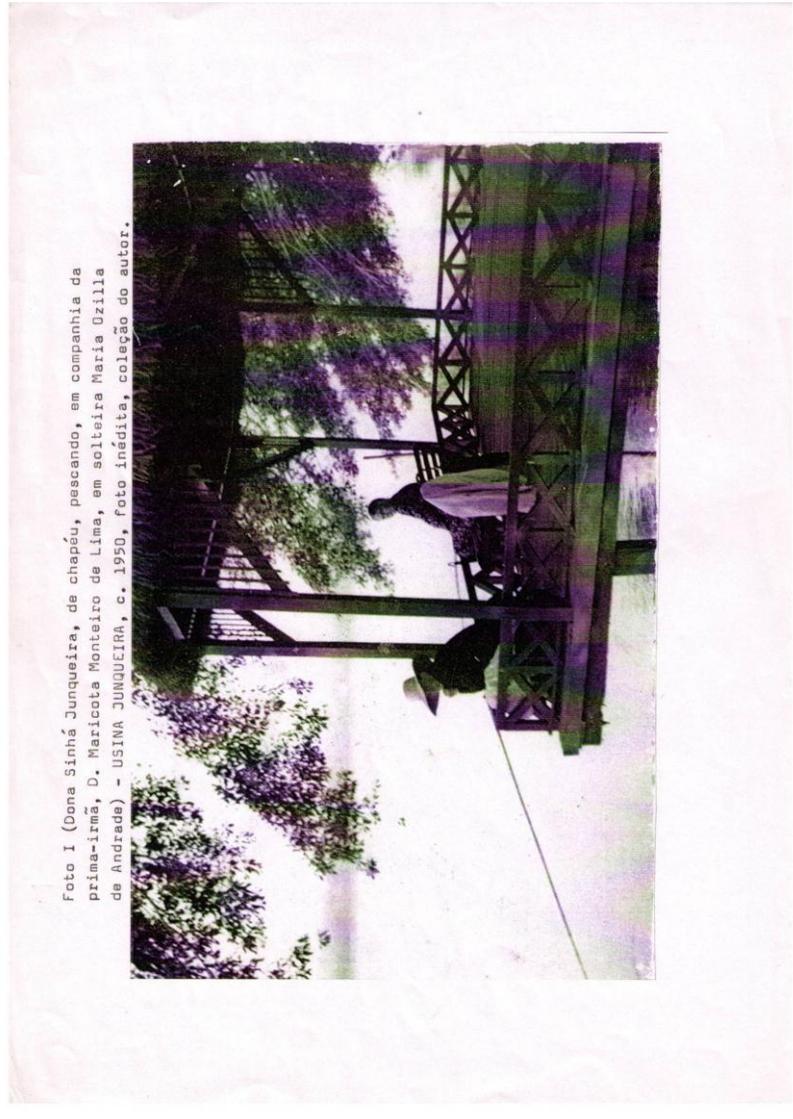
**VII – JOSÉ RUBENS DE MACEDO SOARES**, casado com uma senhora de origem japonesa, de fascinante beleza, segundo informações da família. Teve:

1-1 Kiko Nishisawa de Macedo Soares, igualmente dotada de extraordinária formosura, segundo seus familiares. C.g.

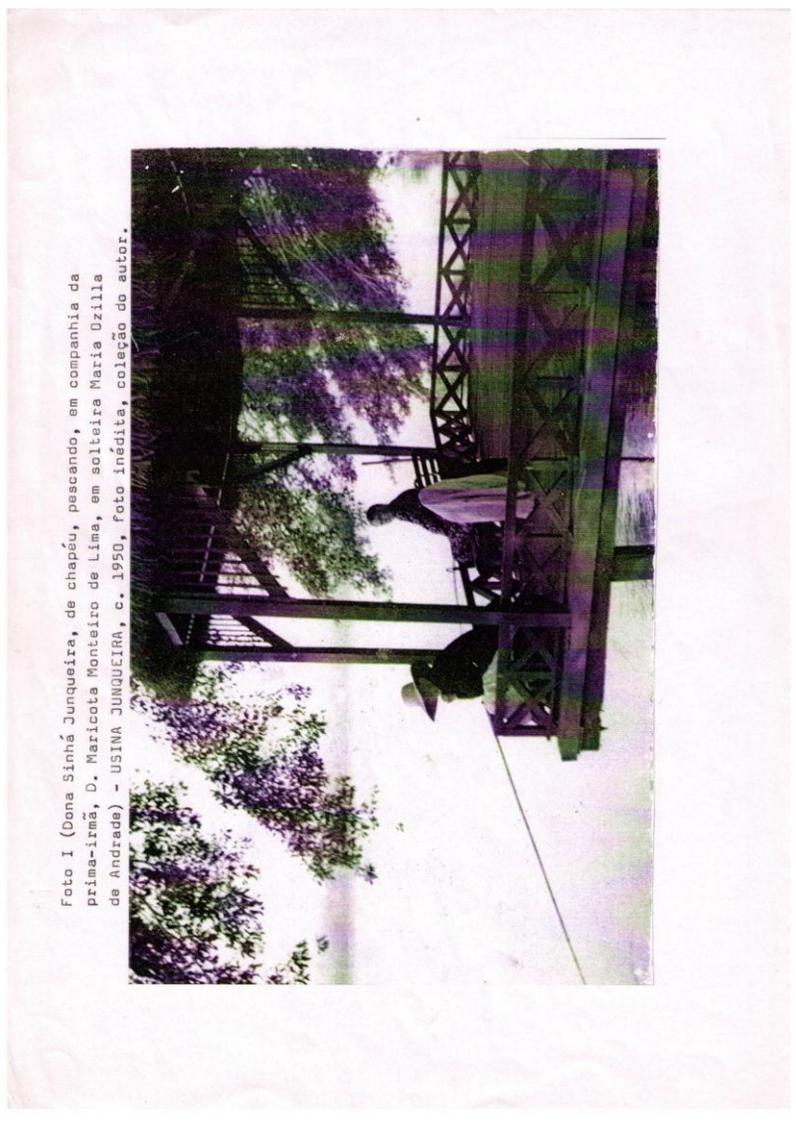
**VIII – EUNICE DE MACEDO SOARES**. Casada com um membro da Família SOUZA CAMPOS. C. g.

XX

**FOTOGRAFIAS**

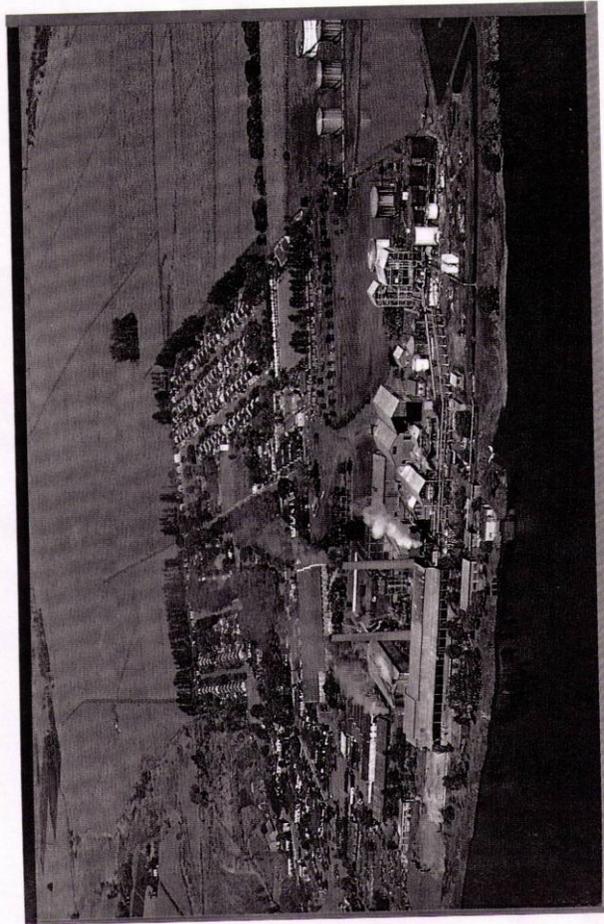


Dona Sinhá Junqueira, de chapéu, pescando, em companhia da prima-irmã, D. Maricota Monteiro de Lima (em solteira, Maria Ozilla de Andrade) [Usina Junqueira, c. de 1950] – foto inédita, coleção do autor.



Coronel Quito Junqueira – *In Fundação Sinhá Junqueira – 1950-1995*, Usina Junqueira, Igarapava, SP, p. 4 – gentileza D. Maria Helena Junqueira da Veiga Serra

Foto III - USINA JUNQUEIRA (in "Fundação Sinhá Junqueira", cit., gentileza D. Maria Helena Junqueira da Veiga Serra)

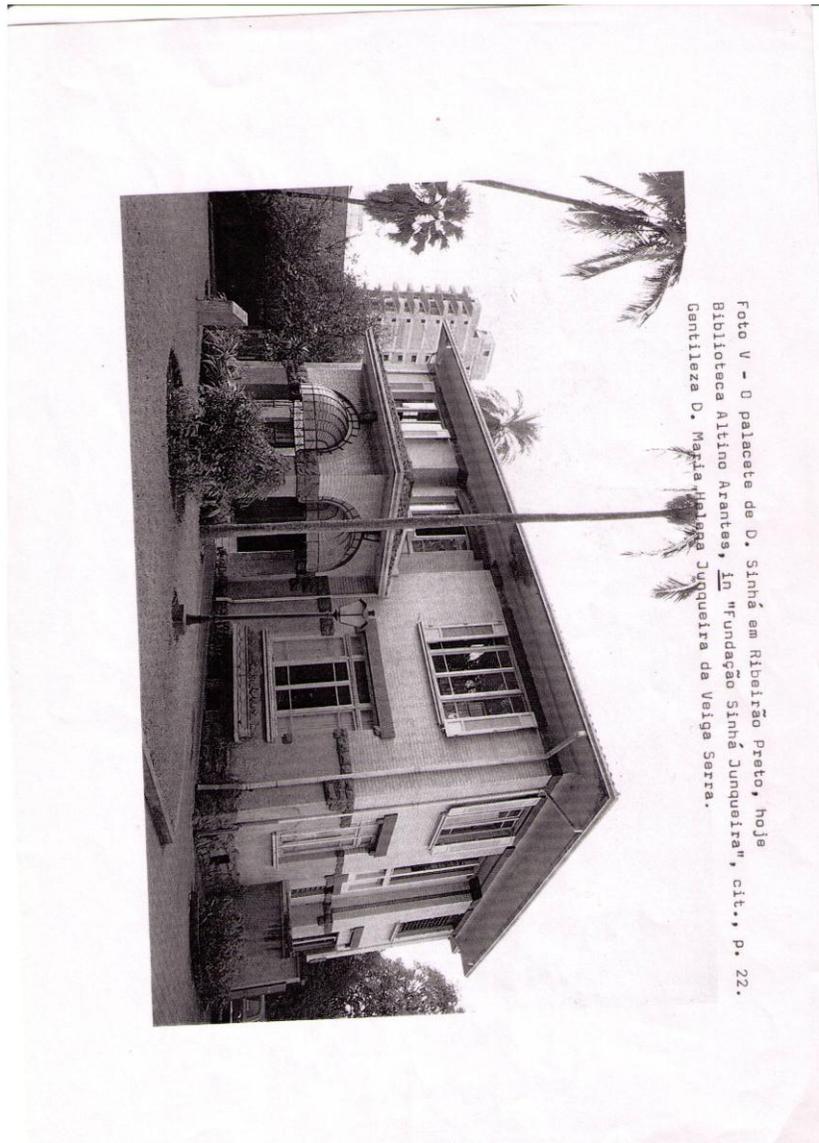


USINA JUNQUEIRA – *In Fundação Sinhá Junqueira – 1950-1995*, cit.  
– gentileza D. Maria Helena Junqueira da Veiga Serra

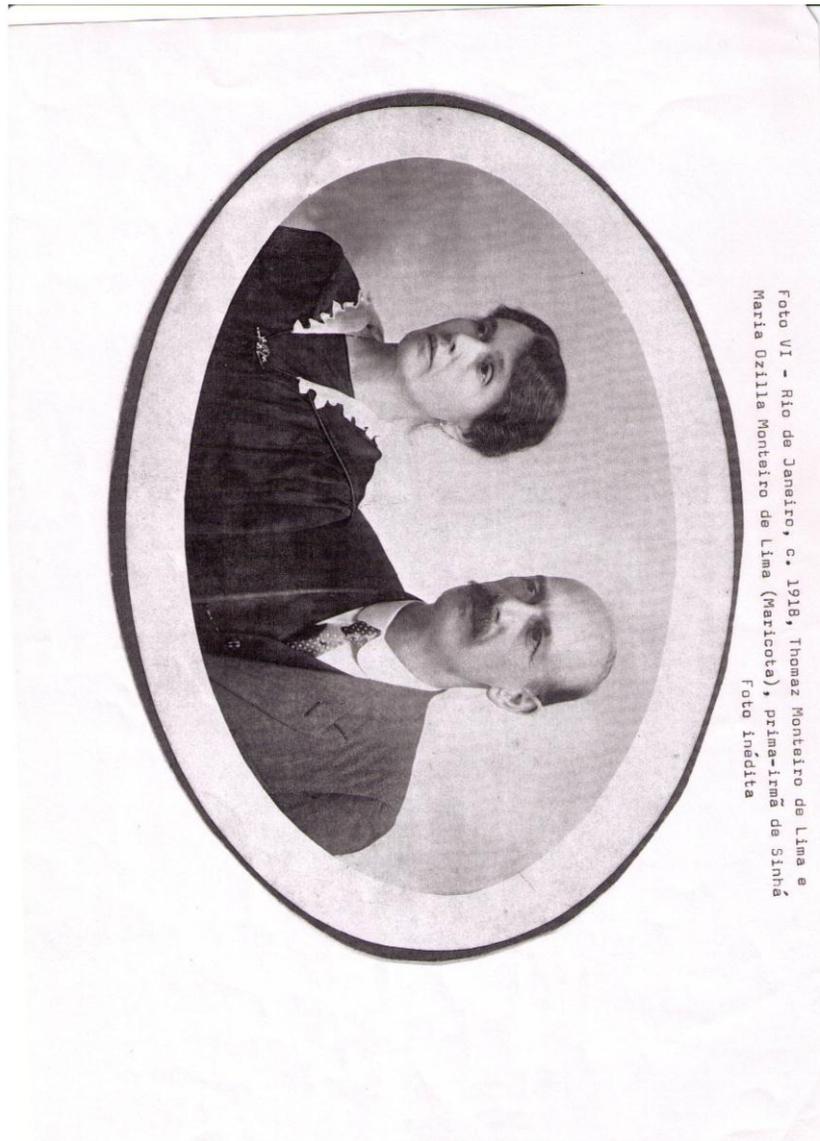


*Sra. Theolina de Andrade Junqueira,*  
Foto IV - In "Fundação Sinhá Junqueira", cit.,  
gentileza D. Maria Helena Junqueira da Veiga Serra

Dona Sinhá Junqueira – In Fundação Sinhá Junqueira, cit., p. 3  
– gentileza D. Maria Helena Junqueira da Veiga Serra



O palacete de D. Sinhá em Ribeirão Preto, hoje Biblioteca Altino Arantes –  
*In* Fundação Sinhá Junqueira, cit., p. 22  
– gentileza D. Maria Helena Junqueira da Veiga Serra



Thomaz Monteiro de Lima e D. Maria Ozilla Monteiro de Lima (Maricota) prima-irmã de D. Sinhá Junqueira e do Cel. Quito, bisavó materna do autor, c. 1918 – foto inédita, coleção do autor

A Benemerência privada no Estado de S. Paulo

Foto VII - Dona<sup>ma</sup> Mathilde Melchert da Fonseca de Macedo Soares (in "José Carlos de Macedo Soares - Embaixador da Paz - Chanceler das A - méricas - Ensaio", S.-Paulo, 1983, p. 32)



VII

Dona Mathilde Melchert da Fonseca de Macedo Soares  
- *in* Barreto do Amaral, Antônio, José Carlos de Macedo Soares – Embaixador da Paz – Chanceler das Américas – Ensaio, S. Paulo, 1983, p.32

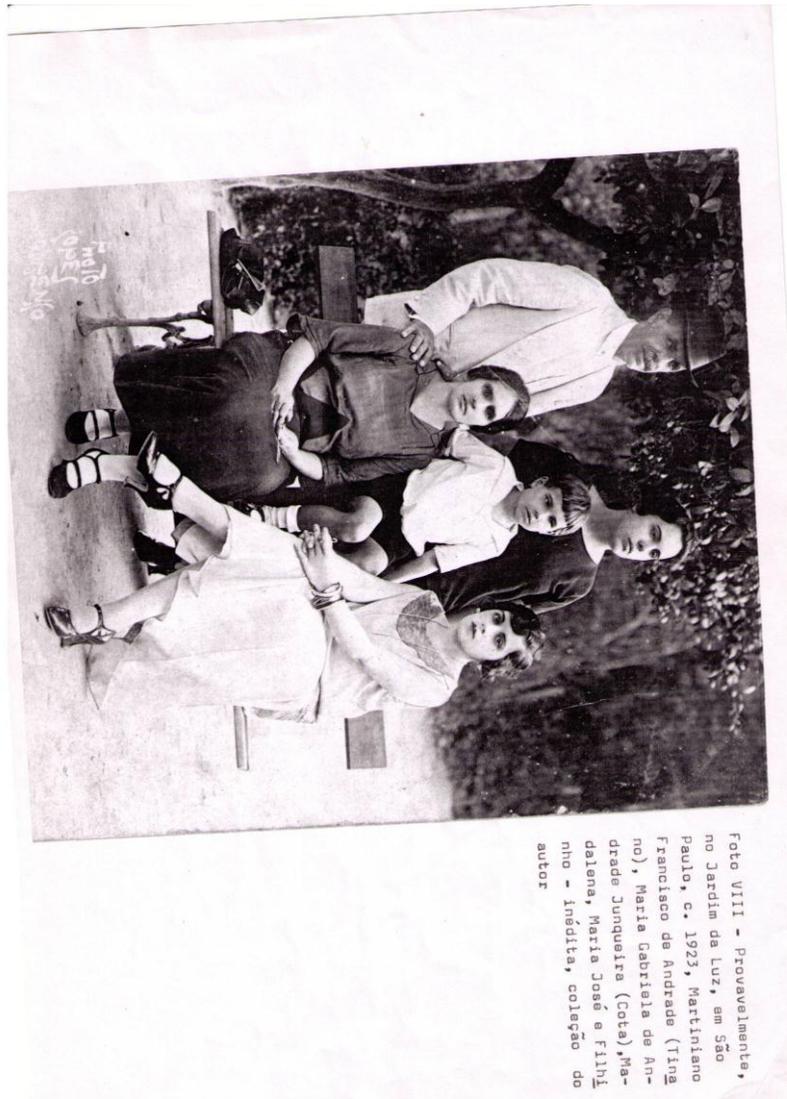


Foto VIII - Provavelmente,  
no Jardim da Luz, em São  
Paulo, c. 1923, Martiniano  
Francisco de Andrade (Tina-  
no), Maria Gabriela de An-  
drade Junqueira (Cota), Ma-  
dalena, Maria José e filhi-  
nho - inédita, coleção do  
autor

Martiniano Francisco de Andrade (Tinano), Maria Gabriela Junqueira de Andrade (Cota), Maria Madalena de Andrade Junqueira (c.c. Carlos Bittencourt), Maria José de Andrade (que foi casada com o Dr. Camargo) e Filhinho (Irmão, cunhada, sobrinhas e sobrinho-neto de D. Sinhá Junqueira)  
- Foto inédita - coleção particular, c. 1925

A Benemerência privada no Estado de S. Paulo

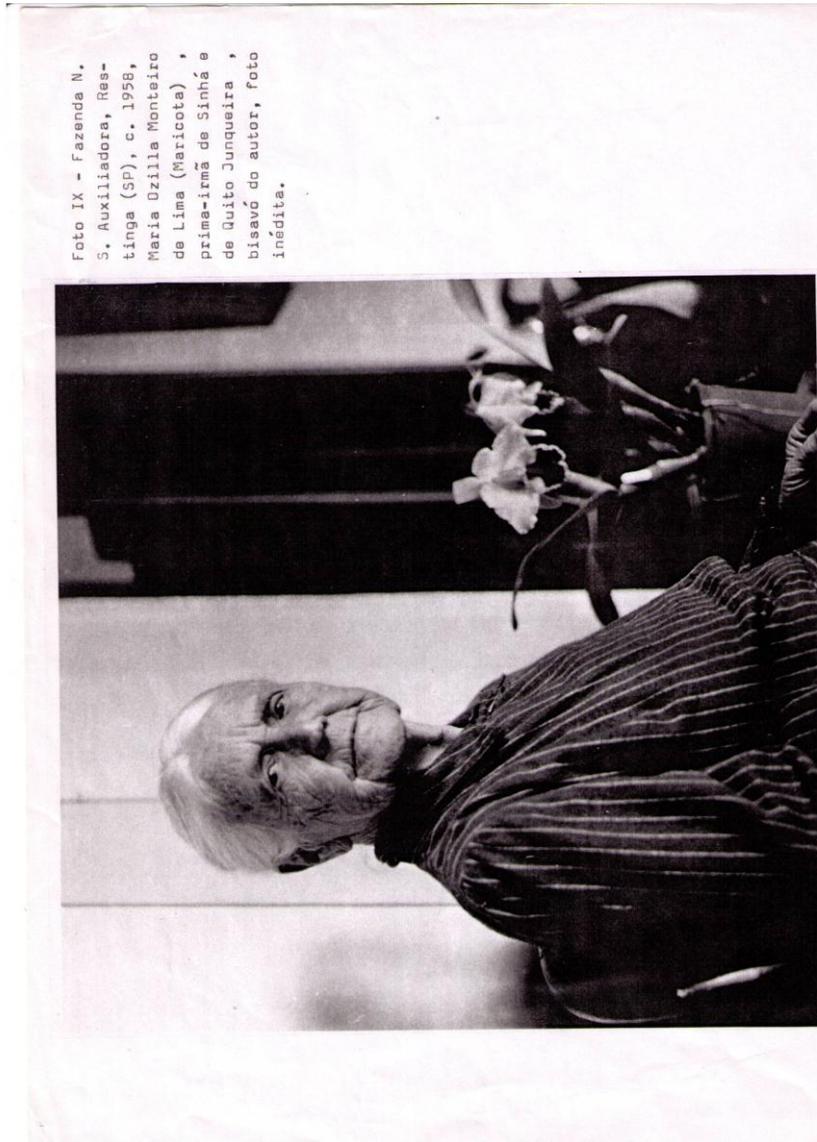


Foto IX - Fazenda N.  
S. Auxiliadora, Res-  
tinga (SP), c. 1958,  
Maria Ozilla Monteiro  
de Lima (Maricota) ,  
prime-irmã de Sinhá e  
de Quito Junqueira ,  
bisavó do autor, foto  
inédita.

D. Maria Ozilla Monteiro de Lima (Maricota), na Fazenda Auxiliadora, Restinga (SP), c. 1958 – foto inédita, coleção do autor